

A Avaliação na Educação Online

Organizadoras:

Lúcia Amante

Elizabeth Souza

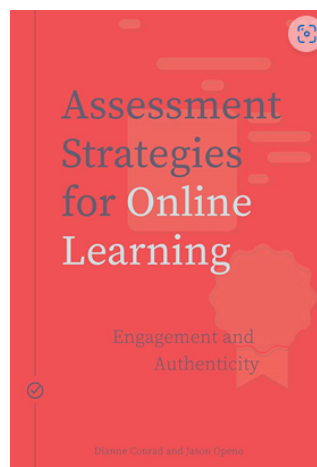
Este documento foi concebido no contexto da unidade curricular Avaliação em Elearning, que integra a grade curricular do Mestrado em Pedagogia do Elearning da Universidade aberta.

Este documento apresenta e discute aspetos importantes da avaliação pedagógica realizada no contexto da educação online. Reúne um conjunto de recensões críticas realizadas pelos estudantes da turma MPeL 2023/24.

O insumo principal deste trabalho foi o livro *Assessment Strategies for Online Learning Engagement and Authenticity*, de Conrad e Openo. Para além do livro acima citado, algumas temáticas afetas à avaliação foram aprofundadas a partir de outras fontes selecionadas pelos estudantes, designadamente os temas do *uso de e-portefólio* e do *trabalho de grupo* na avaliação.

Parte 1- Recensão Crítica dos capítulos do livro:

Conrad, D.; Openo, J. (2018) *Assessment Strategies for Online Learning Engagement and Authenticity*. AU Press, Athabasca University doi: 10.15215/aupress/9781771992329.01.



1. The Big Picture - A Framework for Assessment in Online Learning (Liliana Eira e Luís Moniz)

Introdução

A avaliação na aprendizagem online é um aspeto complexo e crucial que envolve todo o processo educacional dos estudantes. Enquanto a importância da avaliação como uma ferramenta essencial na experiência de aprendizagem é amplamente reconhecida, a sua natureza emocional e os desafios que lhe são inerentes são igualmente evidentes. Este capítulo propõe-se a explorar a necessidade urgente de compreender, na teoria e na prática, a avaliação na aprendizagem online, especialmente à luz do rápido crescimento do ensino online no cenário educacional contemporâneo.

Ao analisar a ligação entre avaliação, qualidade educacional e evolução dos processos de garantia de qualidade no ensino superior, destacamos a importância de uma avaliação autêntica e centrada no aluno. A compreensão desses aspetos torna-se fundamental à medida que procuramos adaptar e aperfeiçoar as práticas de avaliação para responder às exigências de um ambiente educacional em constante mudança.

Partindo de uma exploração das diversas definições e conceitos de aprendizagem online, bem como das teorias fundamentais que moldaram o seu desenvolvimento, este capítulo aborda as mudanças nas práticas de avaliação e os desafios enfrentados na transição para o ensino online. Fornece, ainda, uma base sólida para compreender e aperfeiçoar a avaliação neste contexto em constante evolução.

Ao longo do texto, destaca-se a evolução da aprendizagem online, marcada por uma mudança significativa de uma abordagem centrada na tecnologia para uma orientação pedagógica centrada no aluno e na interação entre os participantes. Desde os primeiros dias da aprendizagem digital até os desenvolvimentos contemporâneos da pedagogia centrada no aluno, assiste-se a uma mudança de paradigma que coloca o aluno no centro do processo educacional.

Este capítulo contribui para uma compreensão mais profunda das práticas e teorias que norteiam a aprendizagem online centrada no aluno, bem como para o desenvolvimento de abordagens mais eficazes de avaliação no ensino superior.

Resumo

Os autores acreditam que o processo de avaliação, para além ser o elemento com maior capacidade de influenciar a aprendizagem dos alunos, tem também associada uma carga emotiva muito forte. Atendendo à crescente implementação de cursos online por parte das instituições de ensino superior, importa clarificar procedimentos em relação às estratégias de avaliação que devem ser aplicadas neste contexto, no sentido de se conseguir implementar processos que garantam a sua qualidade.

O aumento exponencial de alunos em cursos a distância pode potenciar a transposição de medidas mais tradicionais e desajustadas a este novo espaço de aprendizagem, mas pode

também permitir a mudança e alavancar a implementação de novas estratégias de avaliação mediadas pelas tecnologias.

A questão da qualidade do ensino e da avaliação é, também, central ao longo do texto. No contexto do ensino superior online, os processos de acreditação de cursos exigem uma clara conexão entre competências e avaliação, pressupondo ainda que os resultados da aprendizagem dos alunos sejam visíveis. No entanto, denotam-se falhas na criação de pontes entre a qualidade destes dois indicadores, o que acaba por dar robustez às teorias de que o ensino online é ineficaz ou, pelo menos, não tão eficaz como o ensino presencial. Neste sentido, é necessário implementar processos robustos e de qualidade, de modo a consolidar o papel do ensino online como uma competência essencial do século XXI, na qual os alunos constroem conhecimento a partir da interação, da colaboração e da pesquisa.

Outra questão central neste capítulo é o facto de o propósito da educação superior ter mudado de uma perspetiva mais centrada no indivíduo e no seu crescimento pessoal, para uma perspetiva centrada nos interesses económicos. Por outras palavras, os estudantes de hoje procuram aprender novas competências que lhes proporcionem maior competitividade no mercado de trabalho e a avaliação desempenha um papel central na certificação da qualidade dessas aprendizagens, já que é aí que reside a evidência do seu desempenho.

Neste sentido, assiste-se a uma transformação na forma como se avalia, privilegiando a capacidade que os alunos demonstram em mostrar os resultados da sua aprendizagem em situação de resolução de problemas reais, o que abre o caminho para uma avaliação autêntica e participada. Ao contrário da perspetiva mais tradicional, na qual a avaliação serve para medir o conhecimento adquirido, as teorias mais contemporâneas entendem-na como sendo o motor que promove a aprendizagem e desenvolve-se em várias vertentes como o feedback contínuo, trabalhos de grupo, apresentações orais, avaliação de pares, entre outras.

Numa perspetiva histórica, os autores abordam a evolução do ensino a distância e das teorias que fundamentaram a sua implementação nas últimas décadas. Mencionam autores de referência como Holmberg, Peters, Wedemeyer, Keegan e Moore, ressaltando a importância que cada teórico teve na implementação de sistemas que permitiram que a aprendizagem ocorresse com separação geográfica e temporal, bem como os aspetos relevantes de cada teoria que influenciaram as seguintes.

Na atualidade, o ensino online é pautado pela evolução tecnológica e apresenta benefícios consideráveis para as práticas de avaliação, tais como a variedade e a autenticidade na conceção do quadro avaliativo, o maior envolvimento por parte dos atores, a possibilidade de escolher o momento de avaliação ou o aumento de oportunidades de ajustar a aprendizagem de acordo com o feedback, entre outras.

Outros dois aspetos essenciais nos contextos de aprendizagem online são a interação e a comunicação. Desde a proposta de Moore que organizava a interação em três categorias (aluno-aluno; aluno-conteúdo; aluno-professor) outras surgiram, dando destaque à interação conteúdo-conteúdo ou à interação e comunicação baseadas em comunidades, nas quais a afetividade, a socialização e a colaboração são elementos essenciais.

Os desenvolvimentos sobre a interação e a comunicação contribuíram para uma melhor compreensão da aprendizagem online, o que permitiu o surgimento de modelos como o CoI (Community of Inquire) que apresenta a avaliação como a elemento agregador que provoca a aprendizagem autêntica, moldando a qualidade da aprendizagem e do ensino. Este modelo sustenta a ideia de que o feedback é a parte mais importante no processo de aprendizagem dos alunos, pois promove o diálogo, a reflexão, a motivação e, em última análise, a qualidade das aprendizagens.

Os autores destacam, ainda, as diferenças entre *assessment* (no sentido de avaliação para as aprendizagens) e *evaluation* (no sentido de avaliação das aprendizagens). A primeira categoria incide sobre a recolha de dados ao longo do processo de aprendizagem e permite fazer diagnósticos constantes e ajustes ao processo, num diálogo contínuo entre aluno e professor. Com um cariz formativo, não se traduz (por norma) numa nota e sustenta-se na interação, no feedback e na melhoria da aprendizagem do aluno, sendo um elemento pedagógico essencial que acaba por espelhar tanto o trabalho do aluno como o do professor. Já a segunda categoria – avaliação das aprendizagens – tem um caráter sumativo orientado para o produto final e não para o processo. Ocorre em momentos definidos e é entendida como um julgamento em relação ao conhecimento adquirido e não releva para a melhoria das aprendizagens dos alunos.

Contudo, é de notar que ambas as práticas podem assumir um caráter formativo ou sumativo, dependendo do cariz que o professor lhe queira dar. Dito por outras palavras, um teste global pode ser analisado como um elemento formativo e, por outro lado, um texto de reflexão sobre uma atividade (mais usado no âmbito da avaliação formativa) pode ser usado como elemento de avaliação sumativa.

Em suma, os autores acreditam que estamos numa era em que o debate acerca da forma como se procede à avaliação está na ordem do dia e temos hoje novos modos de mostrar os resultados da aprendizagem. A avaliação centrada no aluno toma, pois, um papel central na garantia de qualidade e na responsabilidade da educação no ensino superior e esta obra pretende contribuir para esclarecer e organizar ideias em torno do tema.

Análise crítica pessoal

Uma análise crítica ao texto revela tanto os pontos fortes quanto as limitações e áreas que podem ser melhoradas. Serão também incluídos na reflexão pessoal os seguintes pontos: avaliação dos argumentos apresentados, pertinência das evidências que os sustentam, questionamentos, pontos fortes, lacunas, limitações da abordagem, clareza do texto, bem como originalidade e a relevância para o tema da avaliação online/digital.

Em seguida, passo a analisar criticamente os aspetos específicos do texto referidos no parágrafo anterior:

- a. Argumentos apresentados: O texto apresenta argumentos sólidos sobre a importância da avaliação na aprendizagem online, destacando a complexidade do tema e a sua influência no processo educacional. Destaca também a mudança

na natureza da avaliação com o começo da aprendizagem online e discute a necessidade de abordagens inovadoras e adaptáveis. No entanto, seria útil se os argumentos fossem mais explicitamente organizados em seções ou parágrafos para facilitar a compreensão.

- b. **Pertinência das evidências:** O texto faz referência a várias fontes acadêmicas e relatórios relevantes para sustentar os seus argumentos. Isso inclui citações de autores reconhecidos no campo da educação online e referências a pesquisas e estudos recentes. No entanto, seria benéfico se houvesse uma discussão mais direta sobre como essas evidências se aplicam aos argumentos apresentados, fornecendo exemplos concretos ou casos de estudo para exemplificar os pontos discutidos.
- c. **Questionamentos:** O texto levanta questões importantes sobre a natureza da aprendizagem online, a eficácia das práticas de avaliação existentes e os desafios enfrentados pelos educadores nesse contexto. No entanto, seria vantajoso se essas questões fossem exploradas com mais profundidade, incentivando o leitor a refletir sobre diferentes perspectivas e possíveis soluções para os problemas identificados.
- d. **Pontos fortes:** O texto aborda uma ampla gama de questões relevantes para a avaliação na aprendizagem online e fornece uma visão abrangente do campo. Aponta ainda para a importância da adaptação das práticas de avaliação para responder às necessidades dos alunos e reflete sobre o papel da tecnologia na transformação dessas práticas. Além disso, o texto é bem fundamentado em evidências e apresenta uma linguagem clara e acessível.
- e. **Lacunas ou limitações:** Uma das limitações do texto é a falta de discussão sobre abordagens específicas de avaliação na aprendizagem online, como testes adaptativos, avaliação por pares ou portfólios digitais. Além disso, o texto poderia fazer uma análise mais aprofundada das implicações éticas e práticas da avaliação online, incluindo questões de privacidade, equidade e segurança.
- f. **Clareza e Relevância:** O texto é escrito de forma clara e acessível, tornando-o facilmente compreensível para um público acadêmico. A sua relevância para o tema da avaliação online/digital é evidente, dada a importância crescente da educação online e da necessidade de desenvolver estratégias eficazes de avaliação nesse contexto.
- g. **Originalidade:** Embora o texto forneça uma visão abrangente do tema da avaliação na aprendizagem online, a sua originalidade pode ser melhorada através da inclusão de percepções ou perspectivas inovadoras que contribuam para o avanço neste campo.

Em resumo, o texto apresenta uma análise valiosa, sólida e informativa sobre a avaliação na aprendizagem online, destacando a sua importância, desafios e oportunidades. No entanto,

algumas melhorias na organização e no aprofundamento de certos tópicos poderiam fortalecer ainda mais a sua contribuição para o tema da avaliação.

Conclusão

O ato de avaliar é complexo e influencia sobremaneira a vida dos alunos e dos professores. Aplicar um sistema de avaliação de qualidade requer um plano bem estruturado e, mais que tudo, mudança de práticas e de mentalidades. O ato de avaliar está intrinsecamente ligado às exigências da sociedade que prevalecem nos sistemas educativos, em detrimento, muitas vezes, do que é melhor para o desenvolvimento acadêmico do aluno. O sucesso social continua a medir-se por notas finais que decorrem de testes padronizados, ocultando todo o trabalho feito ao longo do percurso, o que acaba por contradizer a ideia de que a escola promove a igualdade, tornando-se, desta forma, fator de segregação. As teorias atuais exigem uma mudança de paradigma e apontam para novos caminhos que demonstrem a construção do percurso que o aluno fez ao longo da sua aprendizagem, numa perspetiva mais transparente e verdadeira da avaliação.

Assim e concluindo, este capítulo analisa de forma abrangente e perspicaz a evolução da aprendizagem online e o papel crucial da avaliação nesse contexto. Desde os primórdios da educação online, marcados pelo relevo nas capacidades tecnológicas, até a atualidade, onde a pedagogia centrada no aluno e a interação colaborativa são fundamentais, testemunhamos uma mudança de paradigma significativa. A transição de uma abordagem tecnologicamente orientada para uma pedagogia que prioriza a participação ativa dos alunos e o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem saudáveis reflete um amadurecimento do campo.

É explorada a distinção entre *assessment* (avaliação para as aprendizagens) e *evaluation* (avaliação das aprendizagens), destacando a importância de uma abordagem formativa da avaliação que promova a melhoria contínua do processo de aprendizagem. São ainda reconhecidos os desafios enfrentados, como a resistência à mudança e a necessidade de uma adoção mais ampla de práticas de avaliação centradas no aluno, mas também é celebrada as oportunidades apresentadas pela "era da abertura", onde novas reflexões sobre avaliação e novas formas de credenciais estão a transformar o cenário educacional.

O capítulo analisado contribui significativamente para o corpo de conhecimento ao destacar a necessidade de uma abordagem integrada e centrada no aluno para a avaliação na educação online. Ao promover uma cultura de aprendizagem ativa, reflexiva e colaborativa, podemos ambicionar a uma educação online mais eficaz e significativa para todos os envolvidos. A adoção de uma visão que valoriza o aluno e uma abordagem formativa da avaliação pode fomentar uma mudança positiva na forma como concebemos, implementamos e avaliamos a aprendizagem online.

2. The Contribution of Adult Education Principles to Online Learning and Assessment (Graziela Stefanello)

Introdução

Este capítulo inicia com uma necessária contextualização global histórica da educação de adultos para posteriormente adentrar ao campo da educação a distância de adultos e a educação *online*. Dessa forma, demonstra-se o elo comum que há entre os conceitos, fundamentos, princípios e abordagens da educação de adultos com a educação *online*.

Talvez por ser um capítulo ainda introdutório desta obra de dez capítulos, aborda sem muita profundidade autoavaliação e avaliação autêntica, tema central de estudo dos autores. Todavia, evidencia a importância social, cultural e econômica da educação de adultos para si mesmo, para a comunidade no qual vive e para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Valoriza a experiência de vida dentro do processo de ensino aprendizagem, o perfil do aluno adulto, o que desejam e gostam de aprender e como gostam de aprender.

Resumo

É comum afirmar, que a educação a distância tem suas raízes na educação de adultos, portanto, costuma-se nomeá-la como filha desta. A educação de adultos historicamente, caracterizou-se por programas educacionais voltados para indivíduos que não tiveram a oportunidade de receber educação formal durante sua juventude ou que buscavam aprimoramento profissional e pessoal ao longo da vida.

O contexto histórico da educação de adultos passa por muitos conceitos desde que os estudos desta área se iniciaram, para a qual é importante destacar do texto:

Todo conjunto de processos educativos organizados, qualquer que seja o conteúdo, nível ou método, formal ou não, quer prolonguem ou substituam a educação inicial em escolas, faculdades e universidades, bem como na aprendizagem, por meio dos quais as pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas capacidades, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas e profissionais, ou direcionam-se para um novo rumo e

concretizam mudanças nas suas atitudes ou comportamento na dupla perspectiva do pleno desenvolvimento pessoal e da participação no desenvolvimento social, econômico e cultural equilibrado e independente. (UNESCO, em Darkenwald & Merrian, 1982, p.9).

Este conceito retrata a amplitude e a importância da educação de adultos em todas as suas formas. Há pontos chave que podem ser extraídos desta elaboração conceitual de Darkenwald & Merrian, que enfatiza a necessidade de uma abordagem holística e inclusiva da educação para adultos, atendendo às diversas necessidades e aspirações em diferentes contextos e estágios da vida.

Abrangência: abrange todos os processos educativos organizados e abordagens educacionais, independentemente do conteúdo, nível ou método; não se limita ao ambiente formal de escolas e universidades.

Objetivos: um meio para desenvolver capacidades, enriquecer conhecimentos, aperfeiçoar habilidades técnicas e profissionais e promover evoluções positivas em atitudes e comportamentos. Isso é essencial, para o pleno desenvolvimento pessoal e para a participação efetiva do adulto na sociedade.

Desenvolvimento: é um elemento-chave para o desenvolvimento social, econômico e cultural. Capacita o adulto a contribuir para suas comunidades e a sociedade a qual pertence. Este desenvolvimento é inclusivo e sustentável.

Da mesma forma que as definições de educação para adultos são muitas, seus objetivos também compõem um elenco variado, cada autor possui um ponto de vista pessoal na identificação dos seus propósitos. Os supracitados Darkenwald e Merrian (1982), descrevem sua própria lista: **cultivo do intelecto, autoavaliação individual, desenvolvimento pessoal e social, transformação social e efetivamente organizacional**. Cada elemento desdobra-se em um campo vasto de implicações positivas que possuem reflexos para o indivíduo adulto e para a coletividade.

Neste aspecto dos objetivos, recorro para este resumo: **o cultivo do intelecto e a autoavaliação individual que são processos interligados**.

A autoavaliação é capacidade de ser crítico sobre o próprio desempenho, progressos, novas estratégias de estudos, identificando pontos positivos e negativos.

É uma conversa compreensiva, avaliativa e realista consigo mesmo a cada passo da trilha de aprendizagem onde se desenvolve seu autoconhecimento.

O cultivo do intelecto é a busca pelo conhecimento de forma contínua. Por trás dele, está a curiosidade, a vontade e sede em aprender mais e aprender melhor. Este cultivo contínuo é responsável pelo desenvolvimento do pensamento crítico, da visão abrangente das coisas, assim como a autoavaliação. O desenvolvimento de habilidades cognitivas, também é um "presente" deste cultivo, pois aprende-se ser capaz de ter um raciocínio lógico e ágil na resolução de problemas e adversidades no ambiente profissional.

Ao longo dos anos e das muitas universidades extensionistas precursoras da educação de adultos, principalmente nos Estados Unidos da América e Canadá, evidenciou-se como a educação de adultos influenciava todos os setores da sociedade, e então, foi reconhecida como campo de estudo. Em 1959, foi fundada A Comissão de Professores de Educação de Adultos, formada por professores americanos. Mas, em 1943 já havia a Associação Canadense para Educação de Adultos que, produziu neste ano um manifesto como tarefa educacional urgente de criar e fortalecer as atitudes e compreensões sobre as quais uma nova sociedade canadense e mundial pudesse ser fundada, considerando os desafios e acontecimentos mundiais da época.

Este manifesto, promulga o princípio da responsabilidade mútua entre as nações e as pessoas, sem distinguir sua natureza e origem buscando atingir até mesmo os criminosos e principalmente os desfavorecidos. Pauta uma responsabilidade solidária de educação voluntária e cooperada em todas as esferas, incluindo empresas privadas e organizações, para garantir a dignidade humana e a realização profissional. A ampla divulgação deste manifesto, fulcrava-se na procura desta cooperação, estabelecimento de parcerias para a formulação e execução de uma campanha sincera de educação pública e finalizava com a seguinte frase: *"Por favor, pendure isto para referência imediata"*.

O manifesto traçava parâmetros para educadores de adultos da época com o compromisso de alcançar a justiça social e a cidadania em plenitude, onde o

bem-estar humano é prioridade. Este compromisso passou a ser sua marca durante a década seguinte.

Pressupostos subjacentes à educação de adultos

Em 1970, Malcon Knowles, frequentemente considerado como um dos "pais" da educação de adultos, delineou sobre a mesma quatro pressupostos básicos os quais construiu a partir destas sua postura andragógica. Estes pressupostos tornaram-se a base para o estudo moderno da educação de adultos:

- **Reconhecer o conceito de aluno como quem passa da dependência para a autodireção, embora em ritmos e caminhos diferentes;**

Esta transição da dependência para a autodireção a um ritmo e trajeto próprio mostra que cada aluno é único. Desenvolve autonomia e responsabilidade gradualmente como um processo natural da aprendizagem.

- **Valorizar a aprendizagem prévia e experiencial do aluno e o valor correspondente da aprendizagem “ativa”;**

A individualidade do aluno adulto expressa um conjunto único de experiências prévias e conhecimentos. Valorizar as experiências do mundo real dos adultos, significa reconhecer a diversidade de origens, perspectivas e conectá-las ao currículo do curso nas mais diversas formas de interações.

- **Reconhecendo que o aluno adulto aprende quando está pronto para aprender e que as ocasiões de aprendizagem devem captar o sentido de prontidão e entusiasmo deles, a fim de satisfazer a sua necessidade de competência social;**

Isto é, quando encontra um interesse pessoal e percebe a relevância daquele conteúdo para sua vida, é mais propenso a se envolver ativamente e reter conhecimento. Um ambiente criado para prover este anseio pode incentivar um engajamento maior ainda do aluno adulto.

- **Reconhecendo que a orientação para competência do aluno adulto resulta numa nova perspectiva temporal que valoriza a aplicação imediata em vez de uma aplicação adiada e centrada na disciplina.**

Portanto, o adulto valoriza a aplicação imediata do que estão aprendendo em suas vidas pessoais e profissionais. Ficam mais engajados quando identificam a relevância direta do conteúdo em abordagem com a resolução de problemas e adversidades do cotidiano do mundo profissional. Verificam nesta aplicabilidade imediata benefícios tangíveis.

A partir destes pressupostos, a lógica subjacente à educação a distância é discernível, pois nos fornece o conhecimento fundamental para examinar a aprendizagem de adultos e seus descendentes. É uma receita para a adesão à educação à distância – para alunos motivados aproveitarem oportunidades de aprendizagem que se ajustem aos seus estilos de vida e aos seus horários.

Os autores do livro, também abordam as gerações da educação a distância para o contexto histórico, classificando-as em cinco, evoluindo e moldando-se conforme os avanços tecnológicos se potencializam.

Entretanto, ressaltam que há diferenças entre os estudiosos sobre o número e a classificação das gerações, alguns argumentam que a educação a distância está atualmente na sua sexta geração, aproximando-se da sétima. A sexta geração é baseada na *web 2.0*, recursos e espaços tecnológicos que proporcionam aprendizagem síncrona e assíncrona de plataformas altamente interativas e colaborativas. Muitos são os recursos, *wikis*, *blogs*, *podcasts*, fóruns, vídeos, chats.

Os maiores desafios da educação a distância também são encontrados na educação em geral, como acesso, qualidade, equidade e abordagem pedagógica. Contudo, e com razão, toda essa evolução prova-se que a educação à distância – e os modos *online* – fornece veículos para a aprendizagem ao estilo adulto, conforme definido pelos pressupostos de *Knowles*, citado anteriormente pelos autores.

Aprendizagem *online* e alunos adultos

As possibilidades atuais de aprendizagem *online* ampliam e aprimoram o espírito da teoria de educação de adultos. Mas o que define uma idade adulta para a educação de adultos, se há várias idades para ser considerado um? A melhor forma é por meio de análises psicossociais, que avalia a capacidade do indivíduo de cumprir as responsabilidades e papéis típicos normalmente conferidos aos adultos na

sociedade ou comunidade na qual está inserido. E como este aluno adulto define suas preferências de aprendizagem? Pesquisas demonstram que a maioria prefere a combinação entre aprendizagem visual, auditiva e cinestésica, mas em geral a abordagem cinestésica também é um estilo em que gostam de aprender. Estas preferências, são melhor abordadas nos estudos Mackeracher (2004) e Knowles (1970) que possuem *insights* valiosos para os educadores compreenderem melhor as tendências de como querem aprender. O contexto cultural, social e político também pode influenciar na forma que deseja aprender.

Adultos aprendendo à sua maneira

A simples remoção dos adultos de uma sala de aula tradicional, com as suas implicações do cotidiano escolar, ajuda-os a sentirem-se menos como crianças e mais como eles próprios. Mesmo nas salas de aula presenciais tradicionais, os professores de adultos trabalham para garantir que os adultos não sejam tratados nem se sintam como elas.

Como parte da necessidade de respeito dos adultos, está a apreciação da justiça. A justiça é um conceito escorregadio, mas os adultos reconhecem-no quando o vêem e ainda mais quando não o vêem.

A justiça inclui não apenas o produto pelo qual os alunos são avaliados, mas também o contexto que precede a avaliação e os resultados dessa avaliação. Há um apelo de estudiosos pela avaliação autêntica que se alinhe com as atividades de aprendizagem enquadradas dentro do ciclo trabalhado. Apela-se a uma avaliação que reflita o conhecimento colaborativo do grupo, construído com base em princípios adultos, assim a avaliação, nestes casos, cumpre sua função para alunos e para professores da melhor forma.

A aprendizagem *online* pode atender a essas preferências dos adultos e permitir que estes criem o ambiente que lhes convém e promova condições ideais. Entretanto, verificam-se problemas da aprendizagem *online* entre os alunos adultos mais jovens, por exemplo, a falta de maturidade que é frequentemente demonstrada através de padrões de comportamentos e ausências .

Flexibilidade e escolha para alunos adultos

A maior vantagem da aprendizagem *online* é a flexibilidade que ela oferece aos alunos – incluindo a aprendizagem aberta, que pode ser definida de diversas maneiras, mas a aprendizagem *online* não é necessariamente aberta. Sua flexibilidade proporciona interações síncronas e assíncronas. A entrega síncrona define um horário para um grupo de aprendizagem *online* comparecer para troca em tempo real, este formato pode acrescentar qualidade ao ambiente. Atualmente, a maioria das sessões síncronas são gravadas para acesso flexível aos alunos.

No formato assíncrono, um bom design *online* exige uma variedade de estímulos, possivelmente perguntas, outras vias de participação para disseminar foco e manter os alunos envolvidos. É uma abordagem mais conceitual que também pode se estabelecer em pequenos grupos e para cada grupo a abordagem de um tópico.

A aprendizagem *online*, também permite a escolha de outras formas, tanto curriculares, como logísticas. Devem ser tomadas decisões sobre o que é essencial para a compreensão, para que os alunos tenham tempo para abordar a sua aprendizagem de uma forma significativa. Dentro de um currículo bem elaborado, os alunos podem ter a opção de tópico dentro de tópico, por meio do qual podem escolher entre abordagens ou perspectivas sobre um determinado tópico e trazer sua individualidade ou aprendizagem experiencial para o tópico. Claro, que não se deve interagir limitando-se a sua individualidade e experiência, mas somá-las aos recursos didáticos oferecidos pelo professor para agregar valor a suas intervenções de forma fundamentada. Os autores citam Garrison e Archer que salientam: os alunos que quiserem aceitar a responsabilidade pela sua aprendizagem, então a escolha, a negociação e o acordo devem fazer parte do processo. A adoção da abordagem construtivista para a aprendizagem influencia esse tipo de *design online*.

Os construtivistas acreditam que os alunos se envolverão na criação de conhecimento como um grupo, cada um apresentando o valor da sua própria aprendizagem experiencial e a oferta de escolha de tópicos aos alunos abre a possibilidade de adequação, experimentando explorar o tópico que mais lhe atrai.

Conexão e propósito entre alunos adultos

Estes propósitos estão em consonância com a noção de escolha que nasce a partir da necessidade de aprender. As motivações são intrínsecas e/ou extrínsecas para avançar e atingir o objetivo.

Há dados empíricos sólidos que demonstram o valor da afinidade social, o forte sentido desta sociabilidade e da ligação entre alunos *online* que pode ser construído e estabelecidos em ambientes virtuais de aprendizagem (Conrad, 2014; Conrad, 2005; Ross, Gallagher & Macleod, 2013; Shackelford & Maxwell, 2012). Alguns alunos iniciantes associam a sociabilidade à presença visual, mas esta percepção principiante logo se dissolve.

Este aspecto social, que se espelha em uma comunidade *online*, envolve o trabalho cuidadoso e estratégico de *designers* e instrutores; envolve confiança, segurança, humor e presença social. Entretanto, os alunos escolhem o nível de sociabilidade que desejam ter no curso. Curiosamente, os investigadores ilustram maior sociabilidade do gênero feminino do que o masculino.

O senso de comunidade *online* é crucial para o engajamento dos alunos e o sucesso acadêmico. Quando se sentem conectados e apoiados por colegas, estão mais engajados nos debates e atividades colaborativas e buscam ajuda uns dos outros sempre que necessário. São trocas e apoio mútuo capazes de construir relacionamentos significativos e de apoio emocional. Além disso, o sentimento de isolamento é reduzido. Esta sociabilidade e conectividade também retrata positivamente na permanência dos alunos no curso, pois desenvolveram um sentimento de pertencimento e acolhimento do grupo.

Alunos adultos: o que eles precisam aprender

A necessidade de melhorar um conjunto de habilidades ou obter uma credencial para avançar no trabalho. Somar a esta aprendizagem ao conhecimento experimental, seus conhecimentos adquiridos anteriormente ao curso, não importa onde e como o adquiriram. Esta abordagem foi posta neste resumo em tópico anterior e explorada significativamente.

Uma palavra de advertência sobre construtivismo e a autonomia

Mesmo sendo construtivistas que defendem princípios de aprendizagem de adultos em ambientes de aprendizagem *online* apoiados pela tecnologia, os autores reconhecem algum nível de restrição desta abordagem. Os mesmos indicam que alguns compreendem equivocadamente a autodireção na aprendizagem de adultos, que não é o mesmo que uma aprendizagem de "rédea solta" para os alunos. Em vez disso, a autodireção refere-se ao envolvimento ativo e responsável dos alunos na escolha dos seus caminhos de aprendizagem, no estabelecimento de metas e no automonitoramento do seu progresso e motivação ao longo do caminho (Candy, 1991; Garrison & Archer, 200; Mackeracher, 2004). Os alunos não abrem mão da necessidade de orientação e os educadores não devem abdicar da sua responsabilidade de ensinar ou faltar-lhe presença no ambiente.

Explicam que, a compreensão das competências de facilitação na educação de adultos, baseia-se em conceitos rogerianos que prezam pela autonomia, empatia e exercício de uma consciência sensível sobre a forma como o processo de educação e aprendizagem se parece ao aluno. O professor-facilitador, então, está presente e é responsável por aderir ao currículo de tal forma que os resultados da aprendizagem sejam alcançados. Citam novamente Garrison e Archer, que salientam que muitas destas questões pedagógicas podem ser negociadas dentro do grupo, desde que os princípios da educação de adultos sejam introduzidos, explicados e compreendidos.

Portanto, experimenta-se no construtivismo uma parceria colaborativa e atenta entre professores e alunos. O suporte técnico e pedagógico do professor devem estar ali, alinhados ao processo de aprendizagem com presença ativa

Considerações finais

A aprendizagem *online* é vista aqui como a descendência da educação de adultos, refletindo os conceitos e princípios da educação de adultos e levando adiante o seu respeito pelas preferências e características de aprendizagem dos alunos adultos. Este é um prefácio do próximo capítulo focado na avaliação.

Recensão Crítica

Sobre a Flexibilidade

Um dos princípios da educação a distância é a flexibilidade que se oferece ao aluno. A flexibilidade permite maior acessibilidade dos alunos desta modalidade.

Infelizmente, ainda há professores que possuem uma postura rígida e na contra-mão dos princípios básicos que fundamentam a educação a distância, resistem em gravar as sessões e disponibilizá-las para os alunos posteriormente. O aluno que não participou, também é "castigado" na sua avaliação pela não participação, mesmo que justifique uma impossibilidade de participar por choque de horário com o trabalho ou imprevistos com a conectividade. Este prejuízo pedagógico afeta diretamente o aluno na sua motivação e o afasta.

Além disso, permite que os alunos que estiveram presentes na sessão síncrona revisitem o conteúdo discutido na sessão síncrona sempre que precisarem, reforçando seu aprendizado e acompanhando seu próprio ritmo. Além disso, essa praticidade promove uma aprendizagem mais personalizada e adaptável às necessidades individuais de cada estudante.

Sexta Geração da Educação a Distância e a Educação de Adultos

A *web 2.0* proporcionou a educação *online* maior personalização, flexibilização e inclusão no ensino e transformou a forma como o ensino e a aprendizagem são concebidos, entregues e experimentados numa era de conectividade. De fato, este impacto favoreceu mais camadas da população adulta para reiniciar seus estudos, aperfeiçoar suas habilidades e competências específicas ou desenvolver outras absolutamente novas para ingressar em uma área profissional diversa da qual atuou até então.

As tecnologias e a educação a distância *online* aliaram-se para melhorar as expectativas de alcançar a justiça social e garantir os direitos básicos da humanidade ao promover uma educação inclusiva e de qualidade. Uma educação ao alcance de todos.

O ingrediente que faltava para o *mix* que constitui as capacidades de aprendizagem *online* de hoje era a tecnologia e ao longo das gerações, o desenvolvimento das tecnologias promoveram o crescimento correspondente na capacidade da educação à distância de servir mais alunos em ambientes mais

diversos. E esta última geração sexta exige uma movimentação mais ativa e constante destes alunos adultos que estão prontos para aprender porque reconhecem esta necessidade.

Design de Abordagem Construtivista

Este *design* astuto, propõe uma variedade de subtópicos sobre uma mesma temática ou conteúdo, mas com vários pontos de entrada diferentes para o debate, onde o aluno escolhe aquele que mais lhe atrai, isso traz mais engajamento para o processo de ensino aprendizagem. O interessante de oportunizar a abordagem do mesmo tópico em vieses diversificados é o não esgotamento rápido das intervenções por tornar o espaço com compartilhamento de reflexões redundantes que paralisam a produção do conhecimento. Esta abordagem construtivista adequa-se muito bem ao perfil de aluno adulto *online*, que pode autodirigir-se na sua trilha de aprendizagem, mas sempre supervisionado e orientado pelo professor. Planejar este roteiro exige responsabilidade e amadurecimento, atributo do aluno adulto *online*, com exceção de alguns mais jovens.

No texto os autores desconstruem a ideia de que o construtivismo é uma abordagem pedagógica com "rédea solta". O construtivismo valoriza a autonomia do aluno na construção do conhecimento, isso não significa uma abordagem "rédea solta", sem direção ou orientação. Na verdade, o construtivismo defende que os alunos aprendem melhor quando estão ativamente envolvidos na construção do próprio conhecimento, seja individualmente ou colaborativamente na interação significativa com os colegas.

Os professores permanecem ali, atentos e desempenham um papel crucial nesse processo, atuando como facilitadores, fornecendo estrutura desse *design*, *feedbacks* e suporte necessário para guiar os alunos em sua jornada de aprendizagem. Portanto, embora os alunos tenham liberdade para explorar e construir seu próprio entendimento sempre aproveitando experiências prévias, essa abordagem construtivista envolve uma orientação muito cuidadosa dos professores para garantir que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados.

Avaliação e autoavaliação

Os autores citam Darkenwald e Merrian (1982), que descrevem os propósitos da educação de adultos, entre eles: **cultivo do intelecto e autoavaliação individual**.

Estes dois elementos, repercutem uma gama ampla e diversificada de positivities para o aluno adulto *online*. Também, estão estritamente interligados, porque o cultivo do intelecto aprimora a capacidade de leitura crítica do próprio conhecimento e evolui naturalmente, conforme este cultivo se intensifica e mantém-se em continuidade. É extremamente relevante, para que o aluno tenha oportunidade regular de refletir sobre seu aprendizado e identificar maneiras de aperfeiçoar-se.

Já a avaliação autêntica, a maioria dos estudiosos defende que adequada, alinhada a cada atividade proposta pelo ciclo de estudos em desenvolvimento. Sempre deve-se considerar situações e contextos que são significativos e relevantes para o mundo real, para a rotina profissional deste adulto.

Conclusão

Por fim, como já expresseo na introdução desta atividade, no capítulo 2 prevalece a contextualização histórica da educação de adulto e da educação a distância do aluno adulto *online*. A avaliação autêntica, a avaliação digital e a autoavaliação foram aspectos sem grandes aprofundamentos neste capítulo, talvez, por ser o desenvolvimento inicial da obra em estudo. Porém, esta introdução histórica providenciada pelos autores proporcionam a clarificação de como a educação de adultos e a educação *online* são conectadas.

3. What Do You Believe? The Importance of Beliefs about Teaching and Learning in Online Assessment (Pedro Lopes)

1. Resumo do capítulo

O capítulo 3 - *Em Que Acreditamos? A Importância das Convicções sobre Ensino e Aprendizagem na Avaliação Online* - da obra referenciada supra, enquadra as abordagens de aprendizagem e de ensino numa perspectiva histórica, relacionado

filosofias e práticas do ensino, especificando, à *posteriori*, o ensino online e a necessidade de ajustar políticas de avaliação.

Partindo de um desalinhamento referenciado por Fenwick e Parsons (2009) – resultados inadequados, devido a estratégias de avaliação e aprendizagem desenquadradas – a escola de pensamento em que cada um se enquadra deverá responder a certos pontos:

- aspectos mais importantes que os alunos devem saber ou fazer;
- o conhecimento é criado ou transmitido aos alunos;
- tipo de aprendizagem colaborativa ou individual;
- responsável pelo controlo da aprendizagem;
- aprendizagem e demonstração de competências gradual ou instantânea.

De acordo com as respostas aos pontos anteriores, os aspectos de aprendizagem diferem no seu princípio: o capítulo inicia-se procurando compreender e caracterizar as orientações filosóficas para o ensino e aprendizagem.

Posteriormente, de acordo com conclusões anteriores, enquadra a abordagem viável para o ensino e a aprendizagem online, com destaque para a importância da reflexão crítica, mencionada por Rose (2013).

2. Análise

2.1 As 5 Orientações Filosóficas para o Ensino e Aprendizagem

Embora as orientações filosóficas, no âmbito da aprendizagem, apresentem diversas tipologias, os autores desta obra basearam-se no delineamento proposto nas últimas cinco décadas, por Darkenwald e Merriam (1982), Zinn (1990), Draper (1991) e Lange (2006).

Assim, o enquadramento das práticas utilizadas encaminham o processo de ensino e aprendizagem para umas das cinco filosofias:

Liberalismo
Progressivismo
Behaviourismo
Humanismo
Radicalismo

Esquemáticamente, cada filosofia é fundamentada nas características principais que orientam a aplicação prática, conforme reconhecido pelos autores.

Seguindo uma linha cronológica, é referido o Liberalismo como a filosofia de ensino mais antiga, assente pela procura do conceito teórico, em oposição às capacidades práticas.

Citando Lange (2006), Dianne Conrad e Jason Openo (2018) referem que esta filosofia se encaixa na expressão:

“o conhecimento liberta”

Para o contexto da obra, nomeadamente no que concerne à avaliação, este tipo de filosofia privilegia o conhecimento do professor em detrimento do conhecimento dos alunos.

A partir do século XIX, surgiu uma filosofia progressiva, fortemente influenciada pela teoria de evolução da Darwin, com o intuito de um progresso social.

Mencionando novamente Lange (2006), os autores observam que a educação está vinculada à curiosidade natural, pretendendo sempre encontrar respostas para situações do quotidiano.

Na sequência da Revolução Industrial, uma nova filosofia surge: o Behaviourismo.

Dianne Conrad e Jason Openo (2018) focam a evolução tecnológica como uma alteração de comportamento na educação: abre espaço a um contexto adequado para a formação profissional e técnica, com aprendizagens observáveis e mensuráveis.

Contrapondo esta filosofia, emerge a corrente humanista, onde se prioriza o potencial dos indivíduos para a autorrealização. É nesta vertente que se menciona, pela primeira vez, o conceito de reflexão, centrando o aluno na aprendizagem.

Por fim, os autores referem o radicalismo como uma escola de pensamento disruptiva: a existência de desequilíbrio social e marginalização conduz a uma filosofia sensível ao poder que exige ação.

2.2 A Evolução das Orientações Filosóficas

A partir das principais orientações filosóficas abordadas em 2.1, os autores expõem complementos adicionais às mesmas, construindo dois novos conceitos:

<u>Cognitívismo</u>
<u>Construtívismo</u>

Observando o Cognitívismo, destacam-se as posições de Ausubel (1978): os professores devem auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades de pensamento, estruturando, adequadamente, atividades de aprendizagem, coabitando novos e antigos conhecimentos.

Considerada imprescindível no ensino online para Dianne Conrad e Jason Openo (2018), a visão construtivista baseia a construção do conhecimento na interação entre alunos, de acordo com ideias individuais e aprendizagens já adquiridas anteriormente. Os autores defendem que esta visão é adequada a adultos, aproveitando e permutando a experiência de cada um.

Todavia, referenciando Rose (2013), esta interação e colaboração constante em grupo poderá retirar momentos de reflexão individual.

2.3 Interesses de Aprendizagem

Apesar da importância das filosofias anteriores, a complexidade da aprendizagem assenta em modelos e paradigmas que exploram diversas questões.

Reconhecendo as investigações de Cross (1981), Houle (1960) e Wlodkowski (2008), os autores exploram uma classificação de aprendizagem de Habermas, defendendo três interesses principais do indivíduo:

- controlo e manipulação do ambiente – termo instrumental
- compreensão de grupo social – termo comunicativo
- libertação da ignorância – termo emancipatório

Para os autores, cada um dos interesses proporciona um estilo diferente de aprendizagem.

Em suma:

- O primeiro termo relaciona-se com a existência, a capacidade de fazer.
- O segundo termo está associado à comunicação, com o objetivo de realizar necessidades: eleva-se a importância de interpretar e discutir ideias.
- O terceiro termo recupera o vértice mais elevado da Pirâmide de Maslow: procura da realização pessoal. A reflexão crítica é considerada como o processo central nesta aprendizagem.

2.4 Reflexão Crítica

Com base nas premissas anteriores, Dianne Conrad e Jason Openo (2018), sustentados por Rose (2013), referem a importância da reflexão crítica, especificamente na aprendizagem de adultos, com proveito no processo de avaliação online.

Existe a desconstrução de reflexão e de crítica: o primeiro contempla a interioridade; o segundo, a análise.

Deparamo-nos, assim, com a coexistência de racionalidade e reflexão: a junção destas apresenta vantagens no ensino e na aprendizagem. Para consolidar este parecer construtivista, os autores citam Rose (2013):

“Abrindo-nos à reflexão, valorizando-a como forma de pensar e de ser, podemos neutralizar a influência predominante da mentalidade técnica, com seu privilégio pela eficiência e instrumentalismo, e assim alcançar equilíbrio e realização nas nossas vidas.”

2.5 Cultivar a Reflexão

Sobre a possibilidade de aprender a refletir, os autores sugerem que esta pode ser estimulada, isto é, cultivada.

Segundo Rose (2013), é necessário encontrar espaço para interioridade, arcado pelo espaço e pelo silêncio, sem que seja, forçosamente, uma forma de resolução de problemas.

Em contraponto, o capítulo refere Bereiter e Scardamalia (1987) como defensores de que a reflexão se comporta como um processo.

Apesar de se tratarem de duas ideias opostas, Dianne Conrad e Jason Openo (2018) defendem que a reflexão é útil durante a aprendizagem, referindo, também, a existência de técnicas comuns para cultivar a reflexão.

2.6 Educação Vs Aprendizagem

A importância de distinguir conceitos é fulcral para compreender a aprendizagem reflexiva: assim, os autores deste artigo consideram a educação um processo de aprendizagem, mostrando as diferenças entre educação e aprendizagem de Holmen (2014):

Educação	Aprendizagem
Passivo	Ativo
Currículo	Curiosidade
Extrínseco	Intrínseco

Consideram, assim, que a reflexão está associada aos termos intrínseco, curiosidade e ativo.

2.7 O papel da reflexão na aprendizagem online

Alicerçados em John Dewey, filósofo progressista, Dianne Conrad e Jason Openo (2018) elevam os principais conceitos de aprendizagem no ensino superior e na formação de adultos: colaboração, interação, partilha e reconhecimento. Acrescentando as ideias dos investigadores Garrison e Archer (2000), deduz-se que a reflexão requiere julgamento e percepção de forma contínua.

De outra perspectiva, trazem a correlação assumida por Brookfield (1990), onde a evolução de aprendizagem é consequência de suplantar um desafio não previsto.

Logo, criar situações inesperadas no espectro cognitivo possibilita julgar e refletir.

Da teoria à prática, os autores da obra apontam a adaptação da aprendizagem online à reflexão.

Começando pela área tecnológica, o texto escrito é o suporte de plataformas de aprendizagem online. O ato de compor texto é um processo cognitivo, que força a intencionalidade e a lógica do indivíduo. Adicionalmente, a possibilidade de escrever com mais tempo permite maior racionalidade na mensagem transmitida.

Outro aspecto referido é a exibição das respostas de cada aluno, através de recursos de gestão de aprendizagem: a existência de uma comunidade online e a sua respectiva riqueza de conteúdo promove a participação e a confiança dos alunos, com maior envolvimento nas atividades desenvolvidas.

Toda esta interação proporciona, assim, uma base para um processo de avaliação.

2.8 Construtivismo e Conectivismo

Dianne Conrad e Jason Openo (2018) concluem, assim, que o Construtivismo é a filosofia orientadora numa aprendizagem e online e consequente avaliação com sucesso, embora reconhecendo que a complexidade de factores de ambiente de aprendizagem deve relacionar várias filosofias educacionais: referem, a título de exemplo, que a filosofia humanista exalta o crescimento pessoal, contribuindo para o princípio construtivista, não considerando, contudo, a colaboração a interação social.

Referindo Siemens e Downes (2005), apresentam a noção de Conectivismo, procurando congregar ideias associadas ao cognitivismo, construtivismo e princípios epistemológicos.

O sucesso da aprendizagem online está dependente do conhecimento distribuído e partilhado.

2.9 Filosofia, Design e Instrução Online

Devido à transformação de aprendizagens e culturais, assiste-se a uma alteração do design instrucional.

Sem desfocar do principal tema – a avaliação – verifica-se que esta beneficiará de uma mudança onde o foco assenta no contexto e na construção por parte do aluno. Numa perspectiva construtivista, Dianne Conrad e Jason Openo (2018) salientam que a avaliação online recairá em vários temas, suportada pela tecnologia.

As atividades e avaliações online de inspiração construtivista refletirão vários temas.

Ao nível mais técnico, as atividades farão uma utilização inteligente mas acessível da tecnologia disponível nos LMS, onde a interação, a partilha e tarefas diversas serão centrais.

Para além disso, idealizam a prioridade de autonomia do aluno, com a escolha de recursos e tipo de participação, com conseqüente construção de comunidade online.

Socialmente, a construção de espaços virtuais para interação e partilha são indispensáveis para o sucesso do design.

2.10 Filosofia do Controlo

Neste ponto do capítulo, os autores realçam a oportunidade de mudar o processo de avaliação: com base no estudo de Conrad (2004) e Dron (2007), referem o feedback no processo como estímulo na melhoria da aprendizagem. Historicamente, defendem a troca de padrão de controlo da avaliação.

Para além disso, conforme Garrison e Archer (2000), denominam de feedback confirmatório a capacidade de detetar erros e feedback explicativo a capacidade de os analisar, essencial para o crescimento do aluno.

3. Conclusão

Na conclusão do capítulo 3 - *Em Que Acreditamos? A Importância das Convicções sobre Ensino e Aprendizagem na Avaliação Online* – os autores consideram o Construtivismo como a melhor abordagem no ensino e aprendizagem em contexto online.

Para eles, a construção do conhecimento está dependente da capacidade de refletir, e da sua contribuição num processo de aprendizagem online.

Por último, realçam a importância entre filosofia e design, alegando que a avaliação deverá assentar no feedback como incentivo à evolução da aprendizagem.

4. Considerações Finais Pessoais

Com o enquadramento das Orientações Filosóficas para o Ensino e Aprendizagem, Construtivismo apresenta-se como a melhor abordagem em contexto online: o conhecimento prioriza indivíduo para a realização pessoal.

Deste ponto de vista, a evolução dos processos de avaliação deverá procurar orientar o crescimento do indivíduo, rompendo os métodos tradicionais associados de controlo por nota quantitativa. Encontramos, deste modo, um dos grandes desafios dos próximos anos: a operacionalização da avaliação online e os papéis dos atores que estarão envolvidos neste sistema.

Nomeadamente nos processos de avaliação online, a reflexão crítica, a partilha de conhecimento e a interação - assente no feedback - entre a comunidade permitem um aumento de qualidade de aprendizagem.

Assim, e com auxílio de métodos tecnológicos, o processo avaliativo online apresentará condições de se transformar de acordo com a Orientação Filosófica em questão.

4. Authenticity and Engagement- The Question of Quality in Assessment (Ana Sacavem)

Introdução:

O artigo “*Autenticidade e Engagement - A Questão da Qualidade na Avaliação*” faz parte da obra de Dianne Conrad (Investigadora em Avaliação autêntica na aprendizagem e professora no Centro de Educação à Distância da Universidade de Athabasca) e Jason Openo (Diretor do "Centro de Inovação e Excelência no1 Ensino no Medicine Hat College, Alberta, Canadá). Este artigo faz parte do livro, escrito em 2018, “Assesment strategies for online Learning: Engagement and authenticity”, no seu capítulo 4, da página 55 a 71.

O capítulo “*Autenticidade e Engagement - A Questão da Qualidade na Avaliação*” explora os princípios de avaliação eficaz para docentes e designers instrucionais no campo online e define avaliação autêntica, fundamentando-a na teoria construtivista. Dá ênfase a algumas das considerações de design necessárias para construir avaliações autênticas que cumpram a promessa do seu potencial. Este tema é particularmente relevante no contexto de educação a distância, oferecendo uma perspectiva crítica sobre o modo como as avaliações podem ser desenhadas para serem tanto envolventes quanto autênticas.

Neste tema, de 18 páginas, Dianne Conrad e Jason Openo definem o que é avaliação autêntica, apresentam-nos os fundamentos teóricos da avaliação autêntica, tecem considerações do design para a avaliação autêntica, apresentam-nos as ferramentas para avaliação autêntica, refletem sobre os resultados da aprendizagem, falam-nos das rubricas como recursos de aprendizagem controversas. Abordam, também, o tema do feedback e da crítica que mantêm o ciclo de aprendizagem a girar, partilham uma tabela com os 10 pontos sobre as características da atividade autêntica e no final do capítulo tecem algumas considerações.

Como público alvo, este capítulo torna-se uma leitura essencial para docentes / educadores que desejam melhorar as suas práticas de avaliação em formação online. Destaca a importância de considerar a autenticidade e o *engagement* nas avaliações, mas também fornece um caminho claro para a integração desses elementos de forma prática e fundamentada do ponto de vista teórico.

Resumo:

Avaliação autêntica:

As avaliações autênticas (A.A.) são projetadas para incentivar uma abordagem profunda da aprendizagem.

Os autores começam por sustentar a avaliação autêntica nos “Princípios de Boas Práticas para a Aprendizagem de Alunos” (Astin et al., 1992). Este autor nos seus “Princípios” inclui que a avaliação deve ser contínua e não episódica, baseada não só em resultados mas também no desempenho que leva aos resultados. Os autores sustentam a A.A. também em Colby, Ehrlich, Beaumont e Stephens (2003) que sugerem que as práticas de avaliação devem avaliar os alunos holisticamente.

Com a robustez do fundamento, os autores afirmam que as A.A. cumprem o espírito destes princípios pois são baseadas na relevância do mundo real.

Estas avaliações são oportunidades de aprendizagem envolventes que ajudam a promover pensamento crítico, a capacidade de comunicação e a resolução de problemas

em equipa. São, com frequência, de natureza colaborativa e aplicam-se em períodos prolongados, acompanhando o desenvolvimento do aluno. As avaliações autênticas servem os interesses dos alunos, proporcionando-lhes um papel mais ativo na sua própria avaliação através exercícios reflexivos, auto avaliações em conjunto com avaliações de pares, projetos colaborativos, mapeamento semântico e portfólios eletrônicos. A sua dimensão colaborativa dá-lhe uma dimensão social e interativa do significado local de trabalho para alunos e empregadores. Inspiram os alunos na construção do conhecimento e é uma abordagem de ensino adequada para muitas áreas, mas especialmente para o foco crescente em competências essenciais à sua entrada no mercado de trabalho.

Os autores deste artigo sublinham que a avaliação autêntica é especialmente importante para muitos alunos à distância porque, segundo Campbell et al, (2014) como adultos, os alunos coexistem em mundos gêmeos de trabalho e aprendizagem.

Os autores realçam Cranton et all (2004) definem autenticidade como um “conceito multifacetado que inclui pelo menos quatro partes: ser genuíno, mostrando consistência entre valores e ações, relacionando-se com os outros em avaliação autêntica é especialmente importante para muitos alunos à distância porque, de forma a encorajar a sua autenticidade e a viver uma vida crítica”

Os Fundamentos Teóricos da Avaliação Autêntica:

Dianne Conrad e Jason Openo sustentam o conceito da avaliação autêntica com as bases teóricas, destacando a sua origem nas teorias construtivista e sócio-construtivista, além de modelos transacionais colaborativos e construtivistas como a Comunidade de Indagação. Segundo estas perspectivas, a aprendizagem eficaz envolve práticas pedagógicas ativas, interativas e colaborativas. Estas abordagens pedagógicas têm revelado ser eficazes no auxílio da aprendizagem dos alunos. Estas metodologias activas, trazem a aprendizagem para um contexto rico em significado e personalizado, contrastando, por isso, com abordagens positivistas, mais tradicionais, que olham para a educação e para a aprendizagem de forma mais rígida.

Os construtivistas dão foco à importância de criar significado a partir da experiência pessoal e do pensamento divergente. Acreditam que muitos problemas na avaliação atual podem ser superados com uma abordagem sócio-construtivista. Dentro do quadro da Comunidade de Indagação (CoI), a avaliação é vista como parte da "presença do docente", um elemento unificador que combina os processos sociais e cognitivos dirigidos para os resultados educativos. A presença do docente inclui o desenho, a facilitação e a direção de uma comunidade de indagação, onde a avaliação é uma componente crucial, a par da organização e da entrega do curso.

Dianne Conrad e Jason Openo realçam os investigadores Colby et al. (2003) que falam sobre o facto da literatura de pesquisa sobre a eficácia das pedagogias de envolvimento (*engagement*) ser extensa e complexa. Quando os métodos de ensino são bem aplicados e envolvem ativamente os alunos no processo de aprendizagem, bem como quando proporcionam oportunidades de interação entre colegas e professores, podem melhorar a aprendizagem, estimular o pensamento crítico, realizar a transferência da aprendizagem para novas situações e para aspectos do desenvolvimento moral e cívico.

Dianne Conrad e Jason Openo enfatizam os investigadores McKeachie, Pintrich, Lin e Smith que, em 1987, destacaram descobertas relevantes na eficácia das abordagens construtivistas na educação. Os autores do nosso artigo trazem também Gruber e Weitman que em 1962 descobriram que alunos envolvidos em grupos de discussão de pequeno tamanho e sem a presença do professor tiveram um desempenho tão bom quanto aqueles que assistiram às aulas com professor e superaram o outro termos de curiosidade e interesse em psicologia educativa.

Dianne Conrad e Jason Openo trazem neste capítulo, também, um grande destaque à obra de Webb e Grib que, em 1967, compararam, em vários estudos, discussões lideradas por alunos com discussões ou palestras lideradas por docentes, encontrando diferenças significativas nos resultados dos testes de desempenho que favoreceram as discussões lideradas por alunos. A partir dessa pesquisa, foram desenvolvidos certos princípios de aprendizagem:

1. Aprendizagem como um processo ativo e construtivo.
2. *Engagement* e aprendizagem duradoura.
3. O pensamento e a aprendizagem como processos sociais.
4. O conhecimento e as competências são formadas consoante o contexto onde ocorrem,
5. A probabilidade de transferência do conhecimento aumenta quanto mais semelhante é o contexto de aprendizagem é do contexto prático onde o conhecimento vai ser usado.
6. Prática reflexiva, acompanhada de *feedback*.
7. Respeito pela diversidade de talentos e por diferentes modos de se aprender,
8. Desenvolvimento de uma autêntica compreensão através da representação de uma ideia em diferentes cenários.

Estes princípios ressaltam as abordagens de aprendizagem construtivistas, que formam a base para a construção de avaliações autênticas eficazes.

Considerações de Design para Avaliação Autêntica|

Dianne Conrad e Jason Openo trazem-nos diferentes formas de criar autenticidade na aprendizagem e na avaliação. Os autores, refletindo o significado da avaliação autêntica – “avaliação que valoriza e conecta-se às experiências de vida e circunstâncias dos adultos” – os docentes podem: desenvolver recursos de avaliação que ofereçam aos alunos a oportunidade de relacionar a sua aprendizagem com os assuntos e problemas da sua vida real. O serviço-aprendizagem, por exemplo, em que os alunos saem da sala de aula e se envolvem em trabalho significativos e autênticos, num contexto comunitário. Esta abordagem é vista como uma solução para as fraquezas percebidas no sistema educativo e exige avaliações autênticas que captem as competências exigidas no dia a dia, do mundo real que se acredita estarem a ser desenvolvidas nos estudantes. Embora as oportunidades de serviço-aprendizagem não sejam especificamente desenhadas para o ensino online, podem ser facilmente introduzidas em cursos ou programas online. Os exemplos de experiências de serviço-aprendizagem que os autores nos trazem são: trabalhar em projetos de habitação, ajudar em campanhas eleitorais, colaborar com associações de bairro, e muito mais. Os alunos são avaliados com base em suas experiências no local em relação aos resultados de aprendizagem alcançados, combinando experiência prática com atividade reflexiva. Este processo é destinado a produzir uma atividade de avaliação ou avaliação autêntica. Além disso, um design eficaz da avaliação autêntica deve iniciar com um alinhamento construtivo, juntando resultados de aprendizagem, métodos de ensino e métodos de avaliação de maneira clara e demonstrável.

Gulikers, Bastiaens e Kirschner desenvolveram o "*Framework* de Cinco Dimensões para Avaliação Autêntica", que inclui elementos essenciais a considerar no design de uma avaliação autêntica: Tarefa, Contexto Físico, Contexto Social, Resultado da Avaliação ou Forma, e Critérios e Padrões. Esses elementos ajudam a garantir que as tarefas sejam autênticas, apoiem o aprendizado significativo, e promovam a transferibilidade do aprendizado.

O contexto físico tem implicações significativas, especialmente para aprendizes à distância, devido às limitações do ambiente virtual. Os resultados da avaliação devem incluir produtos ou performances de qualidade que os estudantes seriam solicitados a produzir na vida real, permitindo inferências válidas sobre competências subjacentes e múltiplos indicadores de aprendizagem para conclusões justas. É fundamental que os estudantes defendam seu trabalho para garantir que sua competência seja genuína. O

envolvimento dos alunos com critérios, usando uma rubrica para avaliar um exemplo, é uma estratégia útil para aprofundar o entendimento dos padrões pelos quais serão avaliados.

Ferramentas para Avaliação Autêntica

Dianne Conrad e Jason Openo discutem várias ferramentas úteis para os designers de cursos ao criarem um ambiente onde a avaliação autêntica permita que os alunos integrem a avaliação com a aprendizagem, integrem as situações da vida real e as experiências passadas. Destacam-se, especialmente, os resultados de aprendizagem e as rubricas.

Resultados de Aprendizagem

Os resultados de aprendizagem, muitas vezes comparados aos objetivos comportamentais propostos por Gagne (1971) e Mager (1997), são uma fonte de controvérsia entre educadores. Alguns consideram que os resultados são limitados na forma como capturam a amplitude da aprendizagem. Os autores trazem-nos Dron (2007) que considera os resultados da aprendizagem construções duvidosas e sem sentido. Apesar das críticas, quando bem projetados, os resultados de aprendizagem formam uma parte integral do ciclo de aprendizagem, podendo atuar como mapas que guiam o conteúdo do curso e da sua entrega.

Rubricas

As rubricas, recursos de avaliação, também são recursos de aprendizagem controversos. Embora sejam promovidas como diretrizes úteis para ensino e aprendizagem eficazes, também são vistas como potencialmente redutoras. Elas podem ser úteis se preparadas de forma rigorosa ou de pouca utilidade se forem imprecisas e aleatórias. Um exemplo de rubricas rigorosamente desenvolvidas são as 16 rubricas VALUE (Valid Assessment of Learning in Undergraduate Education), desenvolvidas pela Associação Americana de Faculdades e Universidades. Cada rubrica foi desenvolvida para apoiar resultados de aprendizagem essenciais, refletindo as características mais frequentemente identificadas da aprendizagem. São elas:

- 1- Pensamento crítico.
- 2- Resolução de problemas.
- 3- Literacia da informação.
- 4- Leitura.
- 5- Competência e conhecimento intercultural.
- 6- Raciocínio ético

- 7- Comunicação Escrita.
- 8- Investigação e análise.
- 9- Trabalho em Equipe.
- 10- Fundamentos e competências para a aprendizagem ao longo da vida.
- 11- Comunicação oral.
- 12- Aprendizagem global.
- 13- Envolvimento cívico - local e global
- 14- Aprendizagem integrada.
- 15- Raciocínio quantitativo.
- 16- Pensamento criativo.

Implementação e Desafios das Rubricas

Uma rubrica de avaliação informa aos alunos acerca dos objetivos, do propósito e do modo de avaliação, esclarecendo os alunos acerca dos objetivos do currículo e fornecendo os critérios para se atingir diferentes níveis de resultados. Porém, com frequência as rubricas são desenvolvidas como um complemento obrigatório às tarefas e seguem um modelo genérico é algo vago. Mesmo com rubricas detalhadas, existe espaço para subjetividade na avaliação da relevância, da reflexão, da lógica e da coerência.

Subjetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem

A subjetividade no processo é, às vezes, vista como o "elefante na sala", especialmente nas ciências sociais e humanidades. Não podemos ignorar o potencial nosso preconceito, o viés enquanto professores. Podemos, sim, compreender e abordá-lo, clarificando. Dianne Conrad e Jason Openo trazem-nos, neste artigo, as preocupações com a inflação de notas avaliativas e pela concessão de notas altas de forma não meritória. Os educadores devem entender e abordar seus próprios vieses ao avaliar, potencialmente encontrando maior coerência em avaliações realizadas por equipas.

Resumindo, enquanto as rubricas e os resultados de aprendizagem são essenciais para o design de avaliações autênticas, eles também trazem desafios significativos, relacionados à sua precisão e à subjetividade do processo avaliativo.

Feedback e crítica: mantendo o ciclo da aprendizagem a girar

Dianne Conrad e Jason Openo destacam a importância do planeamento para a avaliação formativa e o feedback no contexto das avaliações autênticas. O feedback é essencial

para manter o ciclo de aprendizagem em movimento e para melhorar o desempenho do aluno e as estratégias de ensino. Resumo dos pontos principais discutidos, nesta seção:

1. A importância do feedback.
2. As funções do feedback.
3. Engajement dos alunos com o feedback.
4. Feedback positivo e construtivo.
5. Feedback no ensino à distância.
6. Integração do feedback no ensino.

Concluindo, o feedback é uma ferramenta essencial na educação, fundamental para melhorar a aprendizagem contínua dos alunos e ajustar os métodos de ensino. A abordagem construtivista exige que os alunos recebam feedback e que se envolvam ativamente com ele para maximizar a sua aprendizagem.

Os autores trazem-nos uma tabela que ilustra as características da actividade autêntica:

1. Possuem relevância no mundo real.
2. São mal definidas, exigindo que os aprendizes definam as tarefas e sub-tarefas necessárias para completar a atividade.
3. Compreendem tarefas complexas a serem investigadas pelos aprendizes por um período prolongado de tempo.
4. Oferecem a oportunidade para os alunos examinarem a tarefa de diferentes perspectivas, utilizando uma variedade de recursos.
5. Oferecem a oportunidade de colaborar.
6. Oferecem a oportunidade de reflexão e de envolvimento das crenças e valores dos alunos.
7. Podem ser integradas e aplicadas em diferentes áreas do conhecimento e conduzem além dos resultados específicos do domínio em questão.
8. São integradas de forma contínua com a avaliação.
9. Criam produtos valiosos por si só, em vez de serem vistos como uma preparação para algo mais.
10. Permitem soluções concorrentes e diversidade de resultados.

Conclusão:

Como conclusão deste capítulo 4 do livro “Assessment Strategies for Online Learning” Dianne Conrad e Jason Openo falam-nos de como a noção de avaliação autêntica ganhou maior destaque no ensino superior: o Conselho de Qualidade do Ensino Superior de Ontário ofereceu uma série de três partes sobre os desafios e

oportunidades na avaliação no final de 2015, a Educause apresentou uma série de três partes sobre emblemas digitais (intitulada “Aprendendo Além das Notas”). Cada instituição defendeu um movimento em direção a estratégias de avaliação mais autênticas, projetadas para fazer crescer o envolvimento dos alunos no seu processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que, esse movimento, prepara os alunos para desenvolverem habilidades cognitivas de ordem superior que estão alinhadas com as expectativas tanto deles mesmo como dos empregadores. Se a avaliação é o coração da experiência de aprendizagem, as práticas de avaliação precisam influenciar os alunos a se envolverem com tarefas significativas e relevantes para prepará-los para uma vida de trabalho e aprendizado no século 21. Avaliações autênticas bem projetadas cumprem isso.

Análise crítica e pessoal

Este capítulo é particularmente relevante no contexto de educação a distância, oferecendo uma perspectiva crítica sobre como as avaliações podem ser desenhadas de modo a promoverem o envolvimento dos alunos e que sejam avaliações autênticas. O artigo discute a importância desta autenticidade e do *engagement* nas avaliações em ambientes de aprendizagem online. Os autores sugerem que a qualidade das avaliações em cursos online pode ser significativamente melhorada ao incorporar elementos que promovam a autenticidade e a interactividade dos alunos. Neste sentido, os autores questionam os métodos tradicionais de avaliação e propõem alternativas que almejam uma maior relevância prática e uma maior conexão com a realidade dos estudantes. Isso inclui métodos como projetos baseados em problemas reais, avaliação de pares, auto-avaliação e avaliações formativas contínuas. Os autores utilizam revisões de literatura existentes e teorias educacionais para apoiar as suas argumentações e lhes dar a robustez teórica necessária para influenciar os docentes a escolher novas abordagens avaliativas, em especial a avaliação autêntica. A revisão escolhida está profundamente enraizada nas teorias construtivista e sócio-construtivista, promovendo uma aprendizagem ativa, interativa e colaborativa que contrasta com as abordagens mais tradicionais e positivistas. Gostava de ver desenvolvido e aprofundado no capítulo o seu ponto de vista relativamente aos desafios à implementação da avaliação autêntica e a resistência à sua implementação e alargamento destas abordagens.

As avaliações são propostas como recursos para envolver os alunos academicamente bem como no desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias no âmbito académico e no campo profissional.

Os autores destacam a relevância da avaliação autêntica para os alunos à distância, que muitas vezes precisam de integrar a aprendizagem ao seu contexto de

trabalho e à sua vida pessoal, sugerindo que estas práticas de avaliação são capazes de replicar mais fielmente os desafios do mundo real. Apesar dos autores darem sugestões de tarefas no mundo real que os alunos podem desenvolver, eu gostaria de ver mais desenvolvido o tema do transfer do conhecimento para os contextos do dia a dia e exemplos mais concretos nesta matéria, como se avalia e quem avalia.

Também não ficou claro, para mim, e gostaria de ver aprofundado, dentro das sugestões dados pelos autores, como o conhecimento pode ser extrapolado para diversos contextos já que as avaliações autênticas são destacadas como essenciais para replicar experiências do mundo real, estimulando os alunos a aplicar e integrar conhecimentos e habilidades em contextos práticos e variados e não apenas dentro dos limites de sua área de estudo.

As avaliações são projetadas para serem continuadas no tempo, multidimensionais e integradas, refletindo a aprendizagem no desempenho ao longo do tempo. As avaliações autênticas inspiram o pensamento crítico, a comunicação eficaz e a capacidade de resolver problemas em equipe, entre outras competências. Neste sentido, fez-me sentido e inspirou-me a maior abertura à proposta de avaliação em pares.

Os autores discutem estratégias para implementar avaliações autênticas que incluem exercícios reflexivos, auto-avaliações, avaliações por pares, projetos colaborativos e o uso de portfólios eletrônicos. É realçado o papel crucial do feedback construtivo e contínuo, que não só orienta os estudantes sobre como melhorar seu desempenho, mas também fortalece a auto-estima e motivação.

Dianne Conrad e Jason Openo trazem-nos uma abordagem qualitativa para discutir a eficácia das diferentes estratégias de avaliação. Considero muito interessante a reflexão crítica sobre as implicações práticas das estratégias sugeridas. Fiquei, ainda, com dúvidas acerca da fraqueza nos vieses, eventualmente presentes, na avaliação de pares bem como nas rubricas, que apresentam controvérsia podem ter fraca amplitude. Gostava de ter mais aprofundamento sobre propostas para se superar a pouca utilidade em caso de falta de rigor na elaboração das rubricas.

Conclusão

Este capítulo dá-nos uma visão abrangente e bem robusta sobre a avaliação autêntica, com argumentos claros e relevantes sobre a sua necessidade e eficácia no ensino superior, especialmente no ensino à distância. No entanto, poderíamos alargar uma discussão mais detalhada sobre os desafios práticos de implementar as avaliações autênticas em larga escala, especialmente em instituições com recursos limitados ou

com corpo docente menos experiente e mais tradicional. Além disso, a inclusão de estudos de caso ou exemplos específicos de aplicação prática das propostas, poderia enriquecer ainda mais a compreensão prática dessas estratégias.

Resumindo, os autores oferecem informações muito ricas sobre a integração de avaliações autênticas no processo educativo, destacando o seu papel relevante em promover uma educação mais marcante e envolvente. No entanto, o artigo pode ter como limitação a falta de dados empíricos que comprovem a eficácia de algumas das estratégias propostas em diferentes contextos educacionais. E até culturais/sociais. Será que as diversas culturas encaram a avaliação de pares com a mesma facilidade? Como é a sociedade de docentes no Japão face à cultura Alemã? E na parte entre gerações? Fiquei curiosa por mais base teórica no campo da avaliação a pares, para estes pontos. Além disso, a aplicabilidade das estratégias em cursos de grande escala ou em disciplinas altamente técnicas será que pode ser desafiadora?

5. Assessment Using E-Portfolios, Journals, Projects, and Group Work (Sandrine Araújo)

Introdução

O presente trabalho apresenta uma revisão crítica do capítulo 5 do livro "*Assessment Strategies for Online Learning: Engagement and Authenticity*", de Dianne Conrad e Jason Openo (2018). Neste capítulo, os autores exploram estratégias de avaliação adaptadas ao ensino *online*, destacando a importância dos e-portfólios, diários, projetos e trabalho em grupo como instrumentos que potenciam uma avaliação autêntica. Consideram que a avaliação não deve apenas medir os conhecimentos adquiridos pelos estudantes, como também, devem proporcionar situações de reflexão, autoavaliação e colaboração entre pares. Os autores, ao longo do capítulo, indicam como cada estratégia de avaliação pode ser utilizada para atingir esses propósitos.

1. Resumo das principais ideias abordadas

a) E-Portfólios

Um e-portfólio, portfólio digital, consiste num conjunto de artefactos que um estudante constrói com o objetivo de demonstrar tudo o que aprendeu relativamente a um determinado assunto ou numa unidade curricular. O desenvolvimento das tecnologias possibilitou uma maior popularidade dos e-portfólios, existindo várias plataformas que permitem a sua criação de forma simples.

Apresentados como uma estratégia de avaliação inovadora no ensino *online*, são considerados como flexíveis por permitirem a adaptação a diferentes contextos disciplinares e objetivos de aprendizagem. Exigem um tipo de triangulação de dados uma vez que agregam vários artefactos, tais como currículo, reflexões, trabalhos, entre outros. Quando os alunos refletem sobre as suas próprias experiências prévias, as suas aprendizagens tornam-se mais autênticas.

Muitas instituições de ensino, referindo-se os autores mais particularmente à Universidade de Athabasca, no Canadá, também recorrem aos e-portfólios para avaliar os alunos, sendo que também consideram os conhecimentos e habilidades que uma pessoa adquire fora do ambiente educacional formal, os *prior learning*, que podem incluir experiências de trabalho, vida, formação informal ou autoaprendizagem. No contexto da educação online e da avaliação, o reconhecimento da aprendizagem prévia pode ser importante para a personalização da aprendizagem, permitindo que os estudantes recebam créditos por conhecimentos e habilidades que já detêm, o que pode acelerar o seu progresso educacional. Implica que os docentes façam uma avaliação justa e responsável desses conhecimentos prévios.

Uma das grandes vantagens deste instrumento, de acordo com os autores, é ele permitir que os estudantes demonstrem as competências que adquiriram ao longo de um determinado tempo ou unidade curricular, integrando diversas formas de evidências, como, por exemplo, trabalhos escritos, projetos, apresentações multimédia ou reflexões pessoais.

Esta estratégia de avaliação proporciona um maior envolvimento dos alunos com as matérias abordadas durante o curso, pois leva-os a refletir sobre as mesmas, para além de os levar a perceber que a sua aprendizagem é contínua e sustentável. Outra vantagem do e-portfólio é oferecer aos professores a possibilidade de obter uma visão holística do progresso do estudante, algo que as avaliações tradicionais, baseadas em testes ou exames, não conseguem.

Assim, os e-portfólios são particularmente úteis para avaliar competências complexas e habilidades técnicas dos alunos, para além de fomentar habilidades críticas de pensamento, reflexão e autoavaliação. Apesar de ser um trabalho relativamente exaustivo, os alunos revelam elevados níveis de satisfação e crescimento pessoal, com aumento da sua autoestima.

Através do e-portfólio, os professores poderão avaliar se o estudante compreendeu a importância e o significado das suas aprendizagens anteriores, relacionando-as com as entretanto adquiridas, refletindo, ainda, sobre as potencialidades destas para o seu contexto profissional e pessoal. Avaliando os e-portfólios, os docentes também avaliam as suas próprias práticas de ensino, pelo que se pode considerar que todos os envolvidos aprendem.

No que diz respeito a limitações, os autores abordam os desafios práticos que podem surgir na implementação de e-portfólios. Uma das questões prende-se com a necessidade de suporte

técnico adequado de forma a resolver rapidamente eventuais constrangimentos. O professor deverá orientar os seus alunos de forma clara para que saibam criar e manter os seus e-portfólios. Deverá, também, definir estratégias e critérios claros para avaliar efetivamente os e-portfólios de maneira justa e consistente.

b) Diários

Tal como o e-portfólio, os diários são uma ferramenta introspetiva, uma vez que incentivam os estudantes a refletir regularmente sobre seu processo de aprendizagem, dificuldades enfrentadas e descobertas feitas ao longo do curso. Permitem ao avaliador perceber e avaliar o progresso e crescimento do aluno, tanto em termos de conhecimentos como de capacidade reflexiva.

Os autores apontam vários benefícios no uso dos diários como estratégia de avaliação, nomeadamente permitirem que o aluno exercite a sua criatividade, introspeção e reflexão. Os diários levam os alunos a refletir sobre o que aprenderam, como aprenderam, e como podem aplicar esse conhecimento em contextos futuros. Essa reflexão profunda é crucial para que a aprendizagem seja significativa e duradoura. Os diários ainda permitem que os alunos assumam um papel ativo na aquisição dos conhecimentos.

Outra vantagem remete para o facto de os diários oferecerem uma oportunidade para avaliação contínua, permitindo aos docentes monitorizar o progresso dos alunos e fornecer *feedback* oportuno e relevante para apoiar o desenvolvimento contínuo do aluno. Permite ao professor avaliar o progresso do aluno na compreensão de determinado conteúdo.

No entanto, os autores também reconhecem desafios no uso desta ferramenta. Para determinados alunos com menos habilidades para refletir ou redigir, o diário pode exigir um gasto de tempo substancial. Outros poderão ter dificuldades por acharem que devem partilhar informações mais pessoais, pelo que os professores deverão garantir a confidencialidade dos conteúdos transmitidos.

Conrad e Openo sugerem que, para superar esses desafios, os professores devem estabelecer critérios claros de avaliação que valorizem a profundidade da reflexão e a conexão pessoal com o material do curso, ao invés de se focarem exclusivamente na correção ou completude das informações apresentadas. Devem também deixar claro que os alunos podem construir o seu diário sem referir informações mais sensíveis, devendo essencialmente refletir sobre as suas aprendizagens e processo de crescimento intelectual.

Os autores apresentam algumas dicas para avaliar de forma justa os diários, entre elas, solicitar ao aluno que faça um resumo do seu diário ou que se debruce sobre um ou outro aspeto mais particular. A autoavaliação também pode ser considerada na gestão do diário, com o

professor a solicitar que os alunos construam uma reflexão sobre o seu diário. O tempo que o professor estipula para a realização do diário também é muito relevante, pois, muito longo, acabam por ficar muitas informações esquecidas, muito curto não deixa o aluno refletir em profundidade.

Essa prática não só ajuda os alunos a construir um entendimento mais profundo dos conteúdos, mas também desenvolve habilidades de autoavaliação e reflexão crítica, essenciais para o crescimento pessoal e profissional contínuo.

c) Projetos e trabalhos de grupo

Os projetos são apresentados como uma forma de avaliação que exige que os alunos apliquem teorias e conhecimentos em situações práticas, levando a uma compreensão mais profunda dos conceitos estudados. Esta abordagem não só testa a compreensão dos alunos sobre os conceitos aprendidos, como também promove outras habilidades consideradas essenciais como trabalho colaborativo, comunicação eficaz, gestão de tempo, pensamento crítico, resolução de problemas e criatividade. Conrad e Oopen também reconhecem que, embora os projetos possam ser uma forma eficaz de avaliação, eles requerem que os docentes os planifiquem de forma cuidadosa para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de demonstrar as suas habilidades e conhecimentos de maneira justa e equitativa.

O trabalho em grupo é valorizado pela sua capacidade de replicar ambientes colaborativos normalmente encontrados no local de trabalho, ensinando aos estudantes a importância do trabalho em equipe, da comunicação eficaz e da gestão de conflitos. Os autores argumentam que esta forma de avaliação é uma estratégia essencial para preparar os estudantes para o sucesso profissional, pois têm a oportunidade de lidar com diferentes personalidades, distribuir tarefas de forma justa e colaborar para alcançar um objetivo comum. Esta forma de avaliação destaca a necessidade de avaliar não apenas o produto final, mas também, o processo de colaboração e contribuição individual dentro do grupo.

Os autores referem vários desafios associados ao trabalho em grupo, especialmente no contexto online, onde a comunicação pode ser mais difícil devido à falta de interações. Eles sugerem que os docentes devem fornecer orientações claras e estrutura para o trabalho em grupo, incluindo critérios de avaliação específicos que valorizem o produto final e o próprio processo de elaboração e colaboração. Roberts & McInnerney (2007), citados neste capítulo, opinam que os alunos não gostam de realizar trabalhos de grupo essencialmente por causa da seleção dos membros desses grupos, da existência de elementos que nunca colaboram e, também, pela falta de conhecimentos/habilidades por parte de alguns elementos. Não é apenas o aluno que é desafiado quando lhe solicitam a realização de um trabalho de grupo. O próprio professor tem de enfrentar algumas questões quando solicita trabalhos de grupo. Tem, por exemplo, de saber identificar os problemas existentes no seio de um grupo antes que estes se

tornem prejudiciais para o grupo. Roberts & McInnerney (2007) consideram que criar grupos heterogêneos pode ser uma boa solução para que estes funcionem, pois, cada elemento tem as suas capacidades e limitações e o conjunto destas pode resultar numa situação de aprendizagem favorável. Indicam também que, numa fase posterior, pode ser muito benéfico os grupos serem criados pelos próprios estudantes, pois eles acabam por ter melhor perceção da forma de trabalhar de cada colega juntando-se àqueles com os quais melhor se identificam. Relativamente aos membros de um grupo que pouco ou nada colaboram (*“Free-rider”*), esses autores aconselham duas estratégias: ou o professor atribui tarefas específicas a cada um ou os outros membros do grupo podem usar a autoavaliação para avaliar a dinâmica do grupo, o que funcionou melhor e pior.

A questão da avaliação dos membros de um grupo é muito delicada, havendo autores a defender que cada elemento deveria ter uma nota diferente, enquanto que outros consideram que estes trabalhos servem para avaliar a dinâmica do grupo e a capacidade de trabalharem juntos. A avaliação do grupo pode passar por avaliar a contribuição individual de cada um para o projeto de grupo, com base num relatório, ou por uma avaliação feita pelos outros membros do grupo ao desempenho de cada elemento do grupo ou, ainda, por relatórios individuais sobre os progressos realizados num determinado período de tempo. Em todo o caso, não sendo fácil para o professor, ele deverá deixar sempre bem claro, no início da tarefa, quais as condições e critérios de avaliação.

Garrison & Archer (2000) definem que os grupos têm três fases: a fase de formação, em que os membros do grupo se conhecem, a fase da execução, que é a fase da elaboração do trabalho com todos os constrangimentos que possam surgir e, finalmente, a fase da avaliação do trabalho realizado.

2. Análise crítica pessoal

Analisando as estratégias de avaliação adaptadas ao ensino online que apresentam os autores, nomeadamente os e-portfólios, os diários e os projetos/trabalhos de grupo, é indubitável que podem contribuir para uma experiência de aprendizagem mais rica e personalizada.

No que diz respeito aos e-portfólios e diários, os autores não indicam de forma clara a diferença, em termos práticos, entre as duas estratégias, podendo levar a crer que são semelhantes. Um e-portfólio consiste num conjunto de trabalhos que o aluno organiza para evidenciar as suas habilidades, competências e progressos, tendo caráter público. Podem incluir uma variedade de formatos de média, como documentos de texto, fotografias, vídeos, gráficos e apresentações, oferecendo grande flexibilidade no design e na estrutura, o que permite que cada usuário personalize o seu espaço de acordo com suas necessidades e estilo pessoal. Por outro lado, os diários podem ser considerados como um caderno ou arquivo digital, onde o aluno regista regularmente as suas observações e reflexões sobre o que está a aprender e sobre os

trabalhos que está a desenvolver. Pode também indicar como a aprendizagem decorreu, que metodologias foram mais ou menos eficazes, ou seja, serve para a o aluno analisar os seus próprios processos de pensamento e estratégias de aprendizagem. Para além de textos, os diários podem incluir recursos multimédia, gráficos, *links* para recursos *online*, entre outros, de forma a tornar a aprendizagem mais rica.

Enquanto aluna do Mestrado em Pedagogia do *e-learning*, as três estratégias estão a ser usadas pelos nossos professores e reconheço que me agradam bastante e revelam ser, na minha opinião, mais eficazes que testes e exames para avaliar os conhecimentos que adquirimos ao longo de uma UC e o progresso que realizamos.

Os e-portfólios são uma excelente maneira de refletirmos sobre a nossa aprendizagem enquanto alunos, promovendo a metacognição. Ao permitirem que cada aluno possa aperceber-se do seu progresso, tornam-se numa ferramenta gratificante e motivadora. Podendo cada aluno criar o seu e-portfólio baseado nos seus interesses e experiências, acaba por se envolver mais no seu processo de aprendizagem. Distingue-se dos tradicionais exames, que frequentemente avaliam apenas o conhecimento superficial ou memorizado, por oferecerem uma visão mais completa e profunda da aprendizagem do aluno, incluindo habilidades práticas, conhecimento teórico, criatividade e pensamento crítico. Resultam, assim, ser uma boa estratégia para promover uma aprendizagem profunda e significativa.

Sendo certo que este método apresenta alguns desafios, configurando ser uma tarefa exigente para o aluno e para o professor que deve avaliar de forma justa e definir critérios claros de avaliação, considero que os resultados obtidos são muito compensatórios, pois os e-portfólios oferecem uma forma rica e multifacetada de aprendizagem e avaliação, podendo ser uma forte ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional para os alunos.

A elaboração de um diário também já me foi solicitada enquanto aluna deste mestrado, sendo uma estratégia que considero bastante interessante por contemplar, não só o que aprendemos, mas também, todo o processo inerente, as nossas dificuldades, as nossas expectativas. A elaboração do diário leva-nos a refletir não só sobre o que estamos a aprender, como também, sobre como estamos a aprender e em que o conhecimento adquirido pode ser útil para a nossa vida pessoal ou profissional. Ao refletirmos sobre a nossa aprendizagem, também refletimos sobre as estratégias que encontramos, ao longo do processo, para resolver os problemas que vão surgindo. Os diários desenvolvem, também, habilidades de escrita e capacidades de expressão das nossas ideias.

Considero que uma das dificuldades no recurso aos diários é conseguir que o aluno se mantenha motivado e que organize o seu tempo de forma metódica para atualizar regularmente o seu diário. Outra dificuldade relaciona-se com o risco de o aluno expor demasiado alguns aspetos mais privados. No entanto, entendo que a grande dificuldade na aplicação dos diários

relaciona-se com o facto de poder não ser uma ferramenta que avalia competências académicas ou habilidades técnicas, pois estão mais vocacionados para a reflexão e desenvolvimento pessoal. Ainda assim, parece-me fundamental abordar os desafios associados à sua implementação e avaliação com cuidado e consideração, para maximizar o seu potencial como instrumento de aprendizagem e desenvolvimento.

Quanto aos trabalhos de grupo, acabam por ser a metodologia de avaliação mais utilizada no nosso mestrado. Permitem o desenvolvimento do espírito colaborativo, também necessário no mundo do trabalho, melhorando ainda capacidades de comunicação, negociação e gestão de conflitos. A diferença de opiniões relativamente a um determinado assunto faz com que os alunos aprendam uns com os outros e contactem com uma variedade de perspetivas e abordagens para resolver problemas. Isso pode enriquecer o processo de aprendizagem, proporcionando uma compreensão mais profunda e multifacetada do conteúdo do curso.

No entanto, e conforme muitos colegas também referiram nos fóruns de avaliação das UC que frequentamos, os trabalhos de grupo são muito exigentes no que diz respeito à gestão do tempo, tornando-se ainda mais difícil de gerir no caso do ensino *online* com estudantes trabalhadores. É um método que pode causar alguma sensação de injustiça, pois, infelizmente, existem casos em que alguns membros do grupo não se empenham nas tarefas nem colaboram, pelo que o docente deverá também saber implementar estratégias de avaliação dos trabalhos que sejam justas, o que configura ser um desafio também para o professor. Apesar dos constrangimentos e dificuldades em realizar esses trabalhos de grupo, força nos é de constatar que esta metodologia enriquece significativamente a experiência de aprendizagem, essencialmente porque permite a troca e discussão de ideias e todos aprendem uns com os outros.

Conclusão

Juntos, esses métodos de avaliação refletem uma abordagem holística e autêntica para medir o sucesso do estudante em cursos *online*, alinhando-se com os princípios da educação para adultos que valorizam a relevância, a aplicabilidade e o envolvimento no processo de aprendizagem.

Os e-portfólios configuram ser uma estratégia de avaliação flexível, podendo ser utilizados em diferentes contextos pedagógicos. Permitem avaliar os conhecimentos prévios detidos pelos alunos. São muito abrangentes, pois integram diversas formas de evidências, levando os alunos a um maior envolvimento e reflexão. São, portanto, indicados para avaliar competências complexas e as habilidades técnicas dos alunos. Por outro lado, exigem que o professor oriente constantemente os estudantes.

Os diários também levam os alunos a refletir profundamente sobre os processos de aprendizagem e a assumir um papel ativo na aquisição dos conhecimentos. Levando à aplicação de uma avaliação contínua, os docentes conseguem monitorizar constantemente o progresso dos alunos, fornecendo-lhes um *feedback* contínuo que permite ao aluno reorientar os seus estudos, se necessário. A questão dos dados demasiado pessoais ou sensíveis partilhados nos diários deverá ser salvaguardada.

Os trabalhos e projetos de grupo têm a vantagem de, para além de levar os alunos a um conhecimento mais profundo das matérias em estudo, desenvolver competências consideradas hoje essenciais como o trabalho colaborativo, o pensamento crítico, a comunicação ou, ainda, a resolução de problemas. No entanto, por norma, os alunos não apreciam este método de avaliação por, muitas vezes, os grupos serem constituídos por elementos menos aplicados, o que leva a uma sobrecarga de trabalho para os restantes membros do grupo. Cabe, assim, ao professor encontrar estratégias que minimizem estas situações, de forma a que a avaliação seja a mais justa possível para todos os elementos do grupo.

Considerando todas as características das estratégias de avaliação apresentadas, podemos considerar que preparam melhor os alunos para os desafios do mundo real, reforçando os princípios fundamentais da educação para adultos centrada no desenvolvimento de competências práticas e no crescimento pessoal. Levam os alunos a refletir profundamente sobre as suas aprendizagens, desenvolvendo assim o seu espírito crítico e levando à melhoria dos processos de aprendizagem.

6. The Age of “Open” - Alternative Assessments, Flexible Learning, Badges, and Accreditation (João Baptista)

0. Referências:

Conrad, D., Openo, J. (2018). *Assessment Strategies for Online Learning Engagement and Authenticity*. AU Press, Athabasca University.

1. Introdução:

O capítulo 6 - The Age of “Open” - Alternative Assessments, Flexible Learning, Badges, and Accreditation (página 91 a 105), faz parte do livro escrito em 2018 "Assessment Strategies for Online Learning Engagement and Authenticity", por Dianne Conrad (Investigadora em Avaliação autêntica na aprendizagem e professora no

Centro de Educação à Distância da Universidade de Athabasca) e Jason Openo (Diretor do "Centro de Inovação e Excelência no Ensino no Medicine Hat College, Alberta, Canadá). O tema geral do livro é a exploração e análise de estratégias de avaliação adequadas para ambientes de aprendizagem online, com foco particular no envolvimento do aluno e na autenticidade das avaliações.

Neste capítulo de 15 páginas, Conrad e Openo consideram algumas das tendências mais recentes que surgiram com a aprendizagem "aberta". Os autores levantam questões sobre como oferecer de forma mais eficaz uma avaliação autêntica em cursos ou programas nos quais o aluno e o educador nunca se encontram pessoalmente e podem ter pouca conexão necessária um com o outro. Conrad e Openo afirmam que é de fato possível oferecer uma avaliação eficaz na aprendizagem "aberta" utilizando uma abordagem construtivista e centrada no aluno e garantindo uma abordagem autêntica na forma como a aprendizagem é avaliada.

Além disso, este capítulo explica o que a "the age of open" trouxe para a aprendizagem e a avaliação. Aborda as avaliações alternativas, aprendizagens flexíveis, emblemas (badges) e certificação. E destaca o desenvolvimento e as principais características dos Massive Open Online Courses (MOOCs), dos Recursos Educacionais Abertos (REA) e das Revistas de Acesso Aberto (Open Access Journals) no Ensino Aberto e a Distância. Conrad e Openo enfatizam ainda o fato de que a Educação a Distância (EAD) exige uma avaliação autêntica.

2. Resumo:

Na introdução do capítulo 6, Conrad e Openo destacam o desafio enfrentado pelas instituições de ensino superior devido ao surgimento dos MOOCs, que têm desafiado as estruturas tradicionais de ensino superior. Estes cursos online abertos a um grande número de participantes, oferecidos por instituições de renome, têm gerado debates

sobre o papel da educação e dos educadores, bem como sobre os métodos de avaliação e apreciação no ensino superior.

A opinião de Davidson (2014) sobre as limitações dos MOOCs é citada, enfatizando que eles não resolverão os problemas sistêmicos do ensino superior, como o não financiamento e a gestão corporativa das universidades. Um estudo aponta que os participantes dos MOOCs são predominantemente educados e empregados em países desenvolvidos, enquanto os que mais necessitam deste tipo de educação, em países em desenvolvimento, estão sub-representados (Christensen et al., 2013, p. 1).

A discussão destaca que os MOOCs não são uma solução para as desigualdades educacionais, pois a oportunidade educativa é muitas vezes determinada por fatores sociais, como raça e classe. A meritocracia na educação é questionada como uma construção social que perpetua desigualdades, e os testes e métricas de avaliação são vistos como indicadores do fracasso em proporcionar igualdade de oportunidades (Carnevale, 2016, p. 22, sublinhado nosso).

Embora os MOOCs possam ter um papel na educação, especialmente para educadores em busca de desenvolvimento profissional (Newton, 2015), a sua capacidade de oferecer oportunidades significativas para os menos privilegiados é questionada. Há uma crítica ao discurso em torno dos MOOCs, que é considerado envolto em propaganda e mitos, enquanto a realidade apresenta paradoxos e contradições.

Ao finalizar a introdução ao capítulo 6, destacam-se duas questões claras: a compreensão inadequada da natureza pedagógica da aprendizagem online e a importância contínua da avaliação na aprendizagem. O papel da avaliação na aprendizagem aberta e alternativa é discutido, com a questão de se os defensores dos Recursos Educacionais Abertos (REA) irão influenciar os protocolos de avaliação estabelecidos no ensino superior. A nomeação de presidentes de Open Educational

Resources (OER) pela UNESCO sugere um possível impacto político na abordagem da avaliação no ensino superior.

Perturbação e avaliação na era do "aberto" (Disruption and Assessment in the Age of "Open")

Conrad e Openo, exploram nesta seção, as mudanças no ensino superior em direção à abertura, com foco nas implicações para a avaliação. Além dos MOOCs, outras mudanças estão a ocorrer, todas indicativas de uma transformação macro no negócio da aprendizagem institucional.

Um dos conceitos-chave é o "populismo", exemplificado pelo fenômeno das palestras TED (Tecnologia, Entretenimento e Design), onde acadêmicos ganham visibilidade em curtas apresentações, subvertendo hierarquias tradicionais (Shea, 2014). Esta popularização resulta numa simplificação das ideias, favorecendo uma cultura de "golpes rápidos" e de autoajuda, em contraste com a teoria mais profunda. Esta tendência, embora não seja universalmente criticada, está a influenciar as noções de avaliação no ensino superior.

A sociedade atual é descrita como operando numa "velocidade de contração" (Rose, 2013), o que pode ser bem recebido por alguns, mas tem implicações na forma como a avaliação é entendida e praticada no ensino superior.

MOOCs e REA (*MOOCs and OER*)

Os autores destacam, nesta seção, o desafio duplo que estes fenômenos representam para o funcionamento tradicional do ensino superior. Os MOOCs surgiram de repente, gerando intensa controvérsia e levantando questões não apenas sobre como ministrar cursos, mas também sobre o papel e o significado do ensino superior nas nossas vidas. Embora os MOOCs tenham perdido parte do seu ímpeto, ainda há atividade e novas pesquisas sobre a sua natureza (Kolowich, 2014).

Um estudo citado por Kolowich (2014), mostra que os alunos aprendem tão bem em cursos MOOC quanto em cursos tradicionais, e que os professores podem economizar tempo usando recursos já desenvolvidos ou acessíveis, ou podem gastar mais tempo adaptando materiais. No entanto, a questão da avaliação e credenciamento não foi totalmente abordada, representando um desafio significativo para reconhecer a aprendizagem em MOOCs de forma formal.

Por outro lado, os Recursos Educacionais Abertos (REA) oferecem uma abordagem mais compreensível e restrita para a mudança educativa. Referem-se à criação de recursos educativos amplamente disponibilizados pelos criadores de REA, com a intenção de facilitar a produção de cursos de forma financeiramente viável. Os REA não apenas eliminam restrições à acessibilidade dos recursos, mas também apoiam o pensamento construtivista ao reconhecer que o conhecimento é construído e não simplesmente transmitido (Weller 2011).

Hierarquias achatadas, Crowd-Sourcing e Crowd-Teaching (*Flattened Hierarchies, Crowd-Sourcing, and Crowd-Teaching*)

Os autores, Conrad e Openo referem, nesta seção, como estes fenômenos recentes na vida educacional são subconjuntos da onda de abertura que busca achatam as estruturas hierárquicas tradicionais da academia. As hierarquias achatadas (*flattened hierarchies*) são estruturas organizacionais com menos camadas hierárquicas,

promovendo colaboração horizontal e comunicação direta. O Crowd-Sourcing consiste em obter serviços, ideias ou conteúdo contribuídos por um grande grupo de pessoas, geralmente online, para resolver problemas ou criar conteúdo. O Crowd-Teaching refere-se à aprendizagem colaborativa numa comunidade online, onde membros atuam tanto como professores quanto como alunos, compartilhando conhecimentos e experiências. Cada um destes fenómenos levanta a questão fundamental: por que uma pessoa deve ser privilegiada ou estar acima das outras?

No ambiente académico, o status de "estar acima" geralmente está associado à avaliação. Por que motivo um editor de revista deve determinar se um trabalho é aceitável ou não? Por que motivo um professor deve dizer aos alunos o que aprender com determinada fonte ou sobre certo tópico? Estas questões destacam como a avaliação e a apreciação, conforme tradicionalmente conhecidas no ensino superior, estão a enfrentar pressões significativas no contexto do movimento aberto.

Avaliação pelos pares (*Peer Assessment and Peer Evaluation*)

Os autores destacam, nesta seção, a importância da avaliação entre os próprios alunos como uma técnica antiga, mas ainda muito relevante. Na avaliação por pares, os participantes avaliam o trabalho uns dos outros, proporcionando uma perspetiva diversificada e promovendo a colaboração e o envolvimento. A avaliação pelos pares é uma prática comum em muitas salas de aula, onde os alunos têm a oportunidade de avaliar o desempenho dos seus colegas em atividades como debates, dramatizações e apresentações de projetos.

Essa prática tem sido reconhecida por trazer diversos benefícios para a aprendizagem (Race, 2001), como:

- Facilitar o entendimento da cultura de avaliação pelos alunos.
- Economizar tempo para os professores.

- Reforçar a aprendizagem ao envolver os alunos na definição de critérios de avaliação.
- Promover uma aprendizagem mais profunda.
- Permitir que os alunos aprendam com os sucessos e erros uns dos outros.

Apesar desses benefícios, a avaliação pelos pares ainda enfrenta desafios, especialmente quando é utilizada de forma sumativa, como em cursos online massivos (MOOCs) destinados a obter créditos para uma credencial pós-secundária. A confiabilidade e o valor dessa prática são questionados quando os alunos não têm o mesmo nível de conhecimento e habilidades dos professores para avaliar adequadamente o trabalho dos colegas. Além disso, a falta de supervisão do professor pode levar a avaliações imprecisas ou injustas (Kollar & Fischer, 2010).

Embora a avaliação pelos pares seja valorizada como uma parte importante da mudança para formas mais participativas de aprendizagem, especialmente em cursos online massivos, é importante reconhecer os desafios associados à sua implementação e garantir que os alunos recebam orientação adequada para realizar avaliações significativas e justas (Brookfield, 1990b).

Revistas de acesso livre (*Open Access Journals*)

Os autores destacam, nesta seção, o papel destas publicações no contexto do movimento aberto. Embora as revistas de acesso livre não sejam mais uma novidade, a sua popularidade crescente é atribuída ao movimento aberto. A maioria destas revistas disponibiliza o seu conteúdo gratuitamente online e ainda mantém processos tradicionais de revisão por pares para garantir a qualidade e integridade académica dos artigos.

A revisão por pares continua a ser altamente valorizada pela comunidade académica (Edgar & Willinsky, 2010), mas algumas revistas de acesso aberto têm experimentado

alternativas a esse processo tradicional. Algumas delas, como *arXiv* e *PLOS (Public Library of Science)*, têm explorado alternativas de revisão por pares abertas, buscando manter o rigor acadêmico enquanto democratizam o processo.

Há debates sobre quem são os pares na revisão por pares e sobre a eficácia de um processo de revisão aberto. Alguns argumentam que os revisores podem ter motivos questionáveis, enquanto outros defendem a necessidade de uma avaliação rigorosa para garantir a qualidade da publicação. No entanto, há um reconhecimento geral de que a avaliação é uma tarefa difícil e, por vezes, desagradável, mas necessária para determinar o valor de um trabalho para publicação (DeCoursey, 2006).

Redes Sociais e Crowd-Sourcing (*Social Media and Crowd-Sourcing*)

Os autores destacam, nesta seção a ironia do "crowd-speak" mencionado no livro "1984" de Orwell, em que a tecnologia e as redes sociais criam um ambiente em que a busca por opiniões e contribuições de outras pessoas é não apenas aceitável, mas muitas vezes exigida. Embora as redes sociais tenham sido eficazes na disseminação de informações úteis e no envolvimento em empreendimentos sociais e comunitários, a sua contribuição para a aprendizagem acadêmica de qualidade ainda está em discussão.

Um exemplo mencionado é a Wikipédia, que, apesar de ter sido inicialmente desprezada pelos acadêmicos, tornou-se mais aceitável ao longo do tempo. Embora a necessidade de julgamento crítico ao usar a Wikipédia ainda seja enfatizada, a aceitação entre os acadêmicos aumentou. A transparência da Wikipédia, onde o histórico de edições e discussões dos colaboradores é facilmente acessível, permite uma nova forma de leitura crítica e convida os leitores a considerar a confiabilidade e importância da informação apresentada (Brown & Adler, 2008).

Além disso, algumas revistas científicas estão a adotar um novo tipo de abertura, em que todas as críticas e contribuições para um artigo publicado são captadas à medida que o artigo evolui em resposta ao feedback dos leitores. Isso marca um afastamento das revisões cegas tradicionais, expondo autores e leitores uns aos outros. O impacto desta transparência no mundo acadêmico e nas formas tradicionais de avaliação e apreciação ainda está por ser totalmente compreendido.

A face em mudança da avaliação no mundo aberto (The Changing Face of Assessment in the Open World)

Os autores destacam, nesta seção, a falta de ênfase na avaliação da aprendizagem aberta numa conferência internacional sobre aprendizagem aberta (OCW Consortium Global Conference, 2014), mostrando que esta área continua sendo sub-representada em discussões acadêmicas. No entanto, as forças que impulsionam a mudança no ensino superior online também afetam a natureza da avaliação nesse contexto.

A aplicação de estratégias autênticas de avaliação em ambientes online pode distinguir as estratégias de avaliação presenciais das online. Embora não deva haver diferença filosófica no papel da avaliação entre esses ambientes, a questão da falta de supervisão pessoal nos ambientes online levanta preocupações sobre a desonestidade acadêmica. Estratégias autênticas de avaliação são vistas como um meio de mitigar esse problema, exigindo que os alunos se envolvam pessoalmente com o material em questão (Wlodkowski, 2008, p. 313).

No entanto, a implementação destas estratégias varia entre disciplinas, com as ciências naturais mais propensas a adotar soluções técnicas para questões de integridade acadêmica, enquanto as ciências sociais e humanas tendem a favorecer avaliações autênticas. A automação de instrumentos de avaliação nessas áreas ainda

é um desafio, com críticas ao desempenho e à suscetibilidade a falhas de software destinado a replicar a avaliação humana (Sands, 2014).

Concluem destacando a classificação da batota acadêmica como corrupção pela "Declaração Consultiva" da UNESCO de 2016, enfatizando a necessidade de abordar questões de integridade não apenas em avaliações tradicionais, como testes, mas também enfocando a autenticidade como um aspeto essencial da avaliação.

Criando autenticidade na avaliação (Creating Authenticity in Assessment)

Conrad e Openo, nesta seção, abordam várias estratégias para promover a avaliação autêntica no ensino e aprendizagem. Uma maneira é criar ferramentas de avaliação que permitam aos alunos relacionar a sua aprendizagem a problemas e situações da vida real. Por exemplo, a aprendizagem em serviço (Bok, 2006) oferece uma oportunidade para os alunos se envolverem em experiências práticas e em tempo real, que podem ser incorporadas aos cursos online.

Os emblemas digitais (*badges*) representam outra abordagem para promover a avaliação autêntica. Iniciada pela Mozilla que fez a sua apresentação inicial sobre os emblemas na *10th International ePortfolio and Identity conference* em Londres, em julho de 2012, esta prática tem ganhado impulso, pois os emblemas podem representar envolvimento, colaboração e inclusão, refletindo assim a autenticidade na aprendizagem, conforme referido pelo Secretário de Educação dos EUA, Arne Duncan, em 2011.

O uso crescente de emblemas digitais na educação demonstra a sua eficácia em influenciar o envolvimento e a motivação dos alunos, embora possam exigir mudanças mais fundamentais no design instrucional para serem plenamente eficazes (Lindstrom & Dyjur, 2017). Além disso, os emblemas digitais podem integrar-se bem com

ambientes de aprendizagem baseados em jogos digitais, oferecendo oportunidades para a avaliação autêntica.

Os emblemas digitais também aumentam a transparência na prática de avaliação, fornecendo mais evidências para apoiar as afirmações sobre a aprendizagem dos alunos (Yang, Quadir, & Chen, 2016). Embora o futuro dos emblemas digitais ainda seja incerto, a sua crescente adoção sugere que eles têm o potencial de se tornarem uma parte significativa do cenário de avaliação no ensino superior.

Considerações finais (Concluding Thoughts)

Nas considerações finais do capítulo 6, Conrad e Openo, destacam o estado atual e as tendências do ensino superior online, ressaltando a crescente aceitação de fontes como por exemplo, o Chronicle of Higher Education e até mesmo da Wikipédia no mundo acadêmico. O movimento para uma educação mais aberta, científica e pedagógica está a ganhar impulso, apesar dos desafios e imperfeições.

Embora o futuro da avaliação possa parecer incerto, é claro que ela continuará a ser uma parte essencial do ciclo de aprendizagem. A transição para o ensino online deu origem a ferramentas de avaliação adaptadas e inovadoras, desafiando crenças tradicionais e promovendo a evolução dos processos de aprendizagem.

Em resumo, a "era do aberto" representa não apenas uma promessa otimista para o futuro da educação (Biswas-Diener e Jhangiani (2017), mas também uma gama de ferramentas e estratégias práticas para o presente, destacando a importância contínua da avaliação significativa e a sua contribuição para o aprimoramento do ensino e da aprendizagem.

3. Análise crítica pessoal:

Relativamente ao capítulo analisado considero que oferece uma visão abrangente das mudanças no ensino superior em direção à abertura, com um foco particular nas implicações para a avaliação. Conrad e Openo levantam várias questões importantes e discutem-nas de forma detalhada, abordando desde o papel dos MOOCs até as estratégias de avaliação autêntica. No entanto, ao avaliar criticamente os argumentos apresentados, algumas considerações devem ser feitas sobre a pertinência das evidências, a clareza do texto e a originalidade e relevância para o tema da avaliação online/digital.

No que diz respeito às evidências utilizadas, é positivo notar que os autores se baseiam numa variedade de fontes e estudos para sustentar as suas reflexões. No entanto, algumas dessas evidências podem ser limitadas ou estar sujeitas a viés, o que pode afetar a robustez dos argumentos apresentados. Além disso, uma abordagem mais crítica em relação às fontes utilizadas poderia enriquecer a análise, explorando críticas e controvérsias em torno delas.

Quanto à clareza do texto, em geral, é bem escrito e de fácil compreensão. No entanto, a complexidade dos conceitos discutidos em algumas partes poderia ser reduzida para tornar o texto mais acessível a um público mais amplo. Além disso, a terminologia técnica utilizada em algumas seções pode representar um obstáculo para leitores não familiarizados com o campo da educação online.

Em relação à originalidade e relevância para o tema da avaliação online/digital, o capítulo traz contribuições significativas ao destacar tendências emergentes e inovações no campo da avaliação educacional. No entanto, algumas das ideias apresentadas podem não ser completamente novas, já tendo sido discutidas em outros contextos académicos.

No geral, no capítulo analisado, os autores oferecem uma análise sólida das mudanças no ensino superior e as suas implicações para a avaliação. Apesar de algumas limitações, como a falta de uma discussão mais aprofundada sobre questões

éticas e de privacidade, representa uma contribuição valiosa para o debate em torno dessas questões complexas.

4. Conclusão:

Como já foi referido anteriormente, ao fazer uma análise crítica do capítulo 6 do livro de Dianne Conrad e Jason Openo sobre a avaliação na educação online consegue-se identificar tanto pontos fortes quanto áreas que poderiam ser aprimoradas. Os principais pontos positivos incluem a abordagem abrangente do tema, a argumentação bem estruturada e o uso de evidências para justificar os argumentos. Os autores, neste capítulo, oferecem uma visão detalhada das transformações no ensino superior em direção à abertura e às novas formas de avaliação, destacando a importância crescente dessas tendências.

No geral, o capítulo oferece uma contribuição valiosa para o tema da avaliação na educação online, destacando a importância de adaptar as práticas de avaliação ao contexto digital em constante evolução. Ao discutir estratégias como a avaliação pelos pares e o uso de emblemas digitais, o texto ressalta a necessidade de repensar os métodos tradicionais de avaliação e explorar novas abordagens que promovam uma aprendizagem mais autêntica e significativa.

Portanto, apesar das suas limitações, o capítulo representa uma contribuição significativa para o debate em torno das questões complexas relacionadas com a avaliação na educação online. Ao destacar as tendências emergentes e as inovações no campo da avaliação educacional, o capítulo incentiva uma reflexão crítica sobre como podemos avaliar de forma eficaz e justa no ambiente digital em constante transformação.

Aluno N° 1501313 - João Baptista

7. Planning an Assessment and Evaluation Strategy— Authentically (Sofia Fraústo)

Introdução

A mudança de paradigma na sociedade contemporânea, fruto do desenvolvimento tecnológico, transporta em si desafios e oportunidades em vários domínios, entre eles, a educação. Refletir sobre essas mudanças, implica considerar uma transformação de fundo que potencie a construção do conhecimento baseada numa aprendizagem significativa e autêntica. A sociedade em rede despoletou o crescimento do ensino online, mais propriamente do ensino a distância, sendo a avaliação uma das temáticas que envolve uma maior complexidade.

Neste contexto, assumindo-se a necessidade crescente de investigar e refletir sobre os pressupostos da avaliação, os procedimentos a ela inerentes e, no fundo, sobre o seu papel como elemento-chave na construção de conhecimento e na aprendizagem significativa no ensino online, torna-se cada vez mais premente uma tomada de decisão fundamentada por parte dos agentes educativos, assim como a sua consciencialização sobre a necessidade de uma abordagem mais dinâmica, flexível, holística e sustentável – a avaliação autêntica.

A avaliação autêntica assume-me como uma forma de construção de conhecimento, mas também como um meio de medir o processo de aprendizagem e aquisição desse mesmo conhecimento, aplicado ao contexto real, e congruente com as exigências da sociedade contemporânea, sendo, portanto, essencial no que se refere ao ensino online.

Neste sentido, o livro de Dianne Conrad e Jason Openo "*Assessment Strategies for Online Learning Engagement and Authenticity*" surge como um recurso que propõe uma reflexão em profundidade sobre as estratégias de avaliação para o contexto específico

do ensino online, desafiando as metodologias tradicionais da avaliação e fornecendo um guia robusto e fundamentado para a implementação de práticas de avaliação autêntica. Os autores enfatizam a relevância da utilização das tecnologias como um meio facilitador da criação de um ambiente de aprendizagem que comporte metodologias e práticas pedagógicas eficientes, mas também da criação de um ambiente que potencie o compromisso e o envolvimento dos estudantes no processo educativo.

Considerando o propósito do deste livro, o capítulo sete, intitulado “*Planning an Assesment and evaluation Strategy - authentically*”, é crucial para a sua estrutura, uma vez que aborda especificamente o planejamento estratégico das avaliações no contexto da aprendizagem online.

Resumo

O capítulo inicia-se com uma referência à preferência dos autores por uma abordagem construtivista, assumindo a avaliação como uma oportunidade de interação, crescimento e melhoria do processo de aprendizagem. Desta forma, a avaliação é entendida como parte do processo de aprendizagem contínuo, sendo a mesma o reflexo da interação entre o conteúdo do curso e os respetivos objetivos pedagógicos, as atividades de aprendizagem, os métodos de avaliação e as experiências prévias dos estudantes.

Para a devida contextualização, os autores distinguem dois tipos de avaliação que têm propósitos distintos no processo de aprendizagem: uma tendencialmente sumativa e pressupõe a verificação ou medição dos resultados ou competências adquiridas; e outra de cariz formativo que permite averiguar e melhorar o processo de aprendizagem dos estudantes. Ambas as tipologias têm um papel muito relevante na construção de um ambiente de aprendizagem que promova a aprendizagem significativa, devendo ser acautelado o equilíbrio entre as mesmas na oferta formativa, respeitando os resultados

de aprendizagem previamente definidos. O foco deste capítulo incide essencialmente na avaliação formativa, passível de aplicar os princípios da avaliação autêntica.

Considerando o exposto, segundo os autores, o design e a organização de um curso online deve iniciar-se com a definição e compreensão dos resultados de aprendizagem desejados, sendo que os mesmos serão o fio condutor para a criação das atividades de avaliação, havendo a necessidade de também elas serem definidas *a priori*.

Os resultados de aprendizagem, pela sua importância na definição das atividades de avaliação, são abordados pelos autores de forma pormenorizada e baseada em conteúdo científico, sendo abordadas as várias tipologias de resultados de aprendizagem, a sua hierarquização no que se refere à promoção de uma aprendizagem significativa, e a necessidade de congruência entre os mesmos, os currículos e as estratégias de aprendizagem. Conrad e Openo argumentam, ainda, que a compreensão dos resultados de aprendizagem facilita a criação de avaliações que efetivamente tenham a capacidade de medir o conhecimento e as competências dos estudantes, bem como as suas atitudes e comportamentos, garantindo, desta forma, ambientes de aprendizagem holísticos e que integram o contexto real dos estudantes.

Ainda no que se refere ao planeamento estratégico, os autores sugerem uma abordagem reflexiva e iterativa, onde a avaliação possa ser continuamente ajustada às dinâmicas dos cursos e às necessidades dos estudantes. O planeamento estratégico inclui a seleção de ferramentas e métodos de avaliação que sejam coerentes com a natureza do conteúdo transmitido e o ambiente de aprendizagem online. Com o intuito de demonstrar de forma prática o seu ponto de vista, os autores apresentam alguns casos, com ofertas formativas, resultados de aprendizagem e atividades de avaliação distintos, efetuando uma primeira análise e, *a posteriori*, uma apresentação de sugestões para incluir a avaliação autêntica e um maior envolvimento dos estudantes no processo educativo.

Por outro lado, um dos pontos fortes do capítulo “*Planning an Assesement and Evolution strategy - Authentically*”, é a discussão sobre a relevância da participação dos estudantes e a criação de comunidades online como parte integrante da estratégia de avaliação. Os autores defendem que as avaliações devem promover a interação e a colaboração entre os professores e os estudantes e entre os próprios estudantes, com o intuito de construir uma comunidade de aprendizagem que estimule e encoraje a participação, a partilha e a construção de conhecimento. Desta forma, sugerem que a participação e a criação de uma comunidade online, propiciam um ambiente de aprendizagem seguro e contribuem para o sucesso e satisfação dos estudantes.

Por fim, além de sugerirem formas de estimular o sentido de comunidade de um grupo, são também propostos momentos de avaliação que promovam a participação ativa e a colaboração entre os estudantes. Em relação ao primeiro aspecto, são sugeridos as seguintes recomendações: a criação de grupo pequenos; a sugestão de os elementos do grupo se apresentarem à comunidade; a criação de um fórum informal; a formação de duplas com os mesmos interesses; as respostas, muito embora sejam dirigidas a um elemento individual, devem incluir o restante grupo; os assuntos mais sensíveis devem ser tratados em privado; o professor deve exercer o respeito e máximo cuidado com os estudantes; o professor deve encorajar diretamente os estudantes a interagirem uns com os outros; a utilização de um tom amigável e casual; e, não menos importante, o professor deve fazer-se sentir presente e acessível. No que concerne ao segundo aspeto, mais propriamente no que se refere aos momentos de avaliação que promovam a participação ativa e a colaboração entre os estudantes, são sugeridos momentos de avaliação que envolvam trabalhos de grupo, fóruns de discussão e *peer reviews*, onde os estudantes são estimulados a contribuir ativamente para o processo de aprendizagem coletiva. Os autores dão destaque aos trabalhos de grupo, por serem causadores de algumas celeumas, no entanto, são também sugeridas estratégias como a definição de papéis entre os elementos do grupo, a apresentação de um relatório de atividades

periódico, e a introdução dos trabalhos de grupo num espaço temporal mais próximo do final dos cursos.

Embora bastante sucinta, é também efetuada uma menção ao papel das tecnologias digitais na promoção ou incentivo ao sentido de pertença a uma comunidade, tendo-se verificado um forte investimento em Blogs, Wikis e redes sociais como o Twitter (X).

Análise crítica pessoal

O capítulo analisado é bastante pertinente face ao contexto e objetivos do livro, uma vez que apresenta uma mistura da teoria e da prática no que se refere ao planeamento estratégico da avaliação no contexto online. É, no fundo, a aplicação prática das teorias abordadas ao longo dos capítulos anteriores do livro.

Embora considere que são abordadas questões essenciais quanto à tipologia das avaliações e aos diferentes resultados de aprendizagem, bem como à importância de integrar o planeamento da avaliação desde o início do design dos cursos, penso que teria sido mais benéfico se tivessem sido abordados mais exemplos concretos ou estudos de caso que demonstrassem como é que os pressupostos abordados poderiam ser aplicados em ambientes reais de aprendizagem online. Tal como referido pelos autores, a seleção dos exemplos ou casos apresentados foi, efetivamente aleatória, e não havia conhecimento de algumas particularidades que podiam ser a justificação para as opções tomadas. Também não espelhavam os desafios, ou até possíveis impedimentos, à implementação das sugestões apresentadas, pelo que, apesar de úteis, penso que os exemplos apresentados e as respetivas análises, considerando a componente prática do capítulo, são algo vagas.

Além disso, e no seguimento do que foi referido anteriormente, teria sido benéfico explorar em profundidade quais as maiores dificuldades dos professores ao implementar

as estratégias sugeridas, tendo em conta diferentes contextos educativos e com estudantes com *backgrounds* diversos, principalmente quando se consideram os pressupostos da avaliação autêntica e a formação de adultos.

Por outro lado, considerando a importância das tecnologias para o desenvolvimento do ensino online e considerando também o objetivo do livro em explorar essa questão, penso que podia ter sido benéfico um maior investimento na discussão sobre as ferramentas tecnológicas que podem, de facto, ser implementadas e integradas no processo de avaliação autêntica. A temática é abordada durante o capítulo, mas, mais uma vez e na minha opinião, de forma muito sucinta.

Conclusão

Em suma, o capítulo “*Planning an Assessment and evaluation Strategy - authentically*”, aborda o planeamento estratégico das avaliações no contexto da aprendizagem online e destaca a importância da definição dos resultados de aprendizagem e da inclusão do planeamento da avaliação aquando do design inicial dos cursos. Enfatiza também o papel da participação dos estudantes e a criação de comunidades online para a criação de um ambiente de aprendizagem seguro e que melhore a satisfação e o sucesso dos estudantes nestes contextos.

Apresenta alguns exemplos práticos das estratégias que apresenta, no entanto, penso que também seria pertinente uma abordagem mais detalhada sobre aspetos práticos e tecnológicos da implementação de algumas das estratégias sugeridas, principalmente para os agentes educativos que pretendam aplicá-las nas suas práticas diárias.

8. Flexible, Flipped, and Blended Technology and New Possibilities in Learning and Assessment (Telma Pinto)

Introdução:

A aprendizagem mista tem sido uma jornada evolutiva desde o século XX até os dias atuais, desempenhando um papel fundamental na integração de estratégias presenciais e online na educação. O capítulo 8 páginas 131 a 151, extraído do livro "Assessment Strategies for Online Learning: Engagement and Authenticity", escrito por Dianne Conrad, pesquisadora em Avaliação Autêntica na Aprendizagem e professora no Centro de Educação a Distância da Universidade de Athabasca, e Jason Openo, Diretor do Centro de Inovação e Excelência no Ensino no Medicine Hat College, Alberta, Canadá, propõe-se a explorar essa trajetória, destacando sua relevância na educação contemporânea.

A aprendizagem mista é definida como uma abordagem cuidadosamente concebida que combina atividades tradicionais em sala de aula com recursos e interações online, com o objetivo primordial de aperfeiçoar a experiência educacional dos alunos. Inicialmente, o capítulo destaca a importância desta abordagem como um meio de introduzir educadores tradicionais às vantagens do ensino online, estimulando um renascimento pedagógico e incentivando uma reflexão mais profunda sobre os métodos de ensino e aprendizagem.

Ao longo do texto, são discutidas as oportunidades de avaliação oferecidas pela aprendizagem mista, incluindo a preparação dos alunos fora da sala de aula e o uso de mídias sociais para apresentações e colaborações. Há uma ênfase na adaptação das práticas de avaliação às diferentes abordagens de aprendizagem, aproveitando as oportunidades oferecidas pela tecnologia para criar experiências educacionais autênticas e envolventes.

O capítulo posiciona estas abordagens dentro do contexto mais amplo da educação contemporânea, destacando como estas estão moldando o futuro do ensino e da aprendizagem. Enfatiza a importância de estratégias de avaliação que promovem a atração dos alunos e a autenticidade na demonstração de conhecimento e competências em contextos do mundo real.

Em suma, este capítulo oferece uma análise abrangente das práticas educacionais híbridas, fornecendo insights valiosos para educadores interessados em criar experiências de aprendizagem autênticas e significativas em ambientes online e híbridos.

Resumo:

O capítulo inicia sua exploração traçando a evolução histórica da aprendizagem mista desde o século XX até os dias atuais, destacando marcos importantes e seu papel na transformação da educação. A aprendizagem mista é definida como uma abordagem cuidadosamente concebida que combina elementos tradicionais de sala de aula com recursos e interações online, visando aprimorar a experiência educacional dos alunos.

Destaca-se, inicialmente, a importância da aprendizagem mista como um meio de introduzir os educadores tradicionais às vantagens do ensino online. Essa integração é vista como um catalisador para um renascimento pedagógico, incentivando uma reflexão mais profunda sobre métodos de ensino e aprendizagem. Além disso, ressalta-se a necessidade de adaptação das práticas de avaliação às diferentes abordagens de aprendizagem, aproveitando as oportunidades oferecidas pela tecnologia para criar experiências educacionais autênticas e envolventes.

O texto discute as oportunidades de avaliação oferecidas pela aprendizagem mista, incluindo a preparação dos alunos fora da sala de aula e o uso de mídias sociais para apresentações e colaborações. Explora-se também a importância da avaliação formativa para monitorar o progresso dos alunos e orientar a instrução, reconhecendo-a como uma ferramenta essencial na aprendizagem mista devido à sua flexibilidade e capacidade de personalização.

Uma extensão natural da aprendizagem mista é a sala de aula invertida, onde o conteúdo é entregue fora do ambiente tradicional de sala de aula, permitindo que o tempo em sala seja dedicado a atividades interativas e colaborativas. Esta configuração proporciona oportunidades únicas para avaliações autênticas, onde os alunos podem aplicar seu conhecimento de maneira prática e colaborativa.

Além disso, o texto explora a aprendizagem flexível, destacando sua capacidade de proporcionar aos alunos autonomia na gestão de sua própria aprendizagem. A flexibilidade na avaliação também é enfatizada, reconhecendo a diversidade de habilidades e estilos de aprendizagem dos alunos e adaptando as estratégias de avaliação para atender às necessidades individuais.

O capítulo apresenta diversas estratégias específicas de avaliação, como o uso de tecnologias digitais e a criação de oportunidades de reflexão e feedback. Conclui-se renovando a importância da autenticidade na avaliação, fornecendo aos alunos oportunidades significativas para demonstrar seu conhecimento e habilidades em contextos do mundo real.

Em síntese, o capítulo oferece uma análise aprofundada das abordagens flexíveis, invertidas e mistas para a aprendizagem e avaliação, destacando seu potencial transformador na educação contemporânea. Essas abordagens fornecem insights valiosos para educadores interessados em criar experiências de aprendizagem autênticas e significativas em ambientes online e híbridos.

Análise crítica pessoal:

Ao analisar o capítulo “Aprendizagem Flexível, Invertida e Misturada: Tecnologia e Novas Possibilidades em Aprendizagem e Avaliação” verifico que oferece uma oportunidade para se explorar criticamente os argumentos apresentados, a pertinência das evidências, questionar suposições, identificar pontos fortes e lacunas, avaliar a clareza do texto e discutir sua originalidade e relevância para o tema da avaliação online/digital.

Inicialmente, o capítulo oferece uma visão abrangente das abordagens contemporâneas de aprendizagem, incluindo a aprendizagem mista, flexível e invertida

Assim é possível mergulhar numa gama de subtilezas que revelam tanto pontos fortes quanto áreas passíveis de aperfeiçoamento. Inicialmente, o capítulo oferece uma ampla panorâmica das abordagens contemporâneas de aprendizagem, desde as mais tradicionais até as mais inovadoras, como neste caso a aprendizagem mista, flexível e invertida. A sua riqueza teórica presente na fundamentação do capítulo confere-lhe credibilidade, embasando os argumentos apresentados em pesquisas e estudos relevantes. No entanto, é importante reconhecer que a generalização dessas conclusões pode ser limitada pela sua diversidade de práticas educacionais em diferentes contextos educacionais.

A pertinência das evidências apresentadas é um dos pontos mais destacáveis do capítulo. Ao utilizar exemplos concretos para ilustrar a implementação prática dessas abordagens, o texto consegue tornar os conceitos teóricos mais palpáveis e acessíveis. Por exemplo, ao descrever como uma sala de aula invertida pode funcionar na prática, o autor oferece insights valiosos sobre os benefícios desta abordagem, como a promoção

da aprendizagem ativa e a individualização no processo de ensino. No entanto, uma análise mais aprofundada das limitações e desafios enfrentados na implementação dessas práticas poderia enriquecer ainda mais a discussão, oferecendo uma visão mais equilibrada.

A avaliação crítica pessoal presente no texto fornece uma oportunidade para existir uma reflexão adicional, especialmente no que diz respeito às implicações éticas e sociais das abordagens de aprendizagem e avaliação discutidas.

Questões como equidade educacional, inclusão e proteção de dados dos alunos são fundamentais para uma análise completa e abrangente. Por exemplo, ao discutir a implementação de tecnologias de aprendizagem adaptativa, o autor poderia explorar mais a fundo as preocupações relacionadas à privacidade dos dados dos alunos e à possibilidade de ampliação das desigualdades educacionais. Uma investigação mais profunda desses aspectos poderia ampliar o objetivo da discussão e fornecer insights valiosos para educadores e pesquisadores.

Os pontos fortes do texto incluem sua organização clara e a inclusão de uma variedade de perspectivas sobre o tema. No entanto, algumas seções podem parecer extensas demais, o que pode dificultar a leitura para alguns leitores. Por exemplo, a seção que aborda os benefícios da aprendizagem mista poderia ser dividida em subseções mais concisas, cada uma explorando um aspecto específico dessa abordagem. Isso não apenas facilitaria a compreensão do texto, mas também manteria o interesse do leitor ao longo da leitura.

Em termos de originalidade e relevância, o capítulo oferece uma contribuição valiosa para o debate educacional. Ao explorar as interseções entre diferentes abordagens de aprendizagem e avaliação online/digital, destaca-se a necessidade de adaptação das práticas educacionais às demandas do século XXI. No entanto, uma análise mais aprofundada das implicações éticas e sociais dessas práticas seria essencial para uma

compreensão completa de seu impacto na educação. Por exemplo, ao discutir o uso de algoritmos na avaliação automatizada, o autor poderia abordar questões éticas, como viés algorítmico e justiça educacional, que surgem quando algoritmos são usados para tomar decisões importantes sobre o futuro acadêmico dos alunos.

Parte superior do formulário

Por fim, o texto transmite uma mensagem de otimismo e esperança para o futuro da educação. Embora reconheça os desafios e incertezas que acompanham as mudanças em curso, o autor mantém uma visão positiva e proativa, destacando as oportunidades e possibilidades que essas transformações oferecem. Isso confere ao texto uma qualidade inspiradora e motivadora, convidando os leitores a se engajarem ativamente no processo de mudança e inovação na educação.

Em suma, o texto oferece uma análise detalhada, perspicaz e inspiradora das tendências educacionais emergentes, combinando uma compreensão sólida dos princípios teóricos com uma abordagem prática e acessível. É uma leitura essencial para qualquer pessoa interessada no futuro da educação e no papel transformador que ela desempenha na sociedade.

Conclusão:

O capítulo "Aprendizagem Flexível, Invertida e Misturada: Tecnologia e Novas Possibilidades em Aprendizagem e Avaliação" oferece uma análise detalhada e fundamentada das tendências educacionais emergentes, destacando o potencial transformador dessas abordagens no cenário educacional atual. Ao longo da análise,

foram identificados pontos fortes, como uma base teórica sólida, exemplos práticos relevantes e uma organização clara do conteúdo.

No entanto, também foram apontadas áreas que poderiam ser exploradas com mais profundidade, como as questões éticas e sociais relacionadas ao uso de tecnologia na educação, bem como os desafios práticos de implementação dessas abordagens inovadoras nas salas de aula. Apesar dessas lacunas, o capítulo oferece uma visão inspiradora do potencial transformador da tecnologia na educação e destaca a importância da adaptação constante das práticas educacionais às exigências do mundo contemporâneo.

Portanto, conclui que o capítulo representa uma valiosa contribuição para o debate em curso sobre o futuro da educação digital. As ideias e insights oferecem uma visão provocativa e inspiradora do papel da tecnologia na educação, e é provável que continuem a moldar o cenário educacional nos próximos anos. Espera-se que este capítulo inspire educadores, pesquisadores e tomadores de decisão a explorar ainda mais as possibilidades oferecidas pelas abordagens de aprendizagem mista, flexível e invertida, enquanto enfrentam os desafios e questões éticas que surgem neste contexto.

9. A Few Words on Self-Assessment (Liliana Eira)

1. Introdução

O capítulo em análise, designado *A few words on Self-assessment* é o nono desta obra e debruça-se sobre a questão da autoavaliação em contexto de ensino online. Até este ponto da obra, Conrad e Openo debateram outras questões importantes e incontornáveis no processo de avaliação, tais como a autenticidade e a qualidade das avaliações, as formas como se podem materializar ou como se concebe um plano de avaliação que se integre plenamente no processo de ensino e aprendizagem. Esta obra parte, pois, da premissa de que os processos de avaliação devem ser vistos como potenciadores dos processos de aprendizagem e não apenas como meros julgamentos. Neste sentido, o presente capítulo mostra-nos os benefícios da

implementação de uma estratégia de autoavaliação bem concebida, considerando também os desafios que advêm de uma aplicação menos planeada. Apesar da especificidade da temática, é um tópico que não pode ser devidamente “apreciado” sem se perceber os restantes capítulos da obra, visto que, como os próprios autores referem na sua introdução, todas os conceitos se interconectam e fazem sentido se ligados uns aos outros.

2. Resumo

Neste capítulo, os autores debruçam-se sobre a questão do papel da autoavaliação no processo de aprendizagem em termos gerais e, de um modo mais específico, no contexto online. Entendem-na como sendo a capacidade individual de identificar os critérios definidos, de aplicá-los ao seu próprio trabalho e de fazer um juízo de valor quanto ao nível de qualidade desse trabalho.

No entanto, começam por destacar a falta de confiança dos alunos para este tipo de procedimento, indicando algumas razões para o facto como o nervosismo, o desconforto com a situação ou a falta de capacidade que consideram ter para desenvolverem este tipo de avaliação. Argumentam que este tipo de atitudes são frequentes pelo facto de os processos de autoavaliação serem comumente realizados fora de um contexto propício, num vazio pedagógico que os torne significativos e que acaba, também, por esvaziar de sentido todo o processo. Sugerem, por isso, que a implementação de momentos de autoavaliação aconteça dentro de uma moldura adequada, planeada e apoiada em estratégias claramente delineadas.

Neste sentido, baseiam-se na perspetiva construtivista, na qual a autoavaliação é incorporada numa linha orientadora e bem gerida, para indicar os aspetos positivos que decorrem de tal implementação – melhoria da capacidade de reflexão do aluno, da capacidade de interação consigo e com os outros e da capacidade de pensar criticamente, diagnosticando os pontos fortes e fracos do seu trabalho – e que correspondem aos níveis mais altos da Taxonomia de Bloom.

Partindo deste princípio de que a autoavaliação é uma característica da abordagem construtivista, na qual o ambiente é propício ao desenvolvimento da reflexão e do pensamento crítico, os autores chamam a atenção para o erro de se usar este tipo de avaliação para medir ou gerar um valor em relação ao trabalho feito, características que se aplicam, antes,

a momentos mais formais de avaliação e que devem ser conduzidos pelo professor. Pelo contrário, a autoavaliação deve ser vista como uma oportunidade para o aluno refletir e pensar sobre o seu desempenho e sobre os processos de aprendizagem, permitindo-lhe reposicionar a sua prestação em relação ao trabalho.

Para que a implementação de momentos de autoavaliação seja útil para os alunos e os mantenha interessados no processo, é necessário pôr em prática várias estratégias, tais como:

- Precaver a relutância inicial que os alunos podem demonstrar no início do processo;
- Planear claramente o papel da autoavaliação no desenho geral da avaliação;
- Informar os alunos do objetivo e estratégia em relação à autoavaliação;
- Providenciar critérios claros para a atividade de autoavaliação;
- Trabalhar com os alunos de forma colaborativa e promover a colaboração entre pares para desenvolver as competências necessárias;
- Dar feedback e apoio;
- Promover oportunidades de reflexão conjunta sobre o desenvolvimento do processo

Implementar este tipo de atividade de avaliação, aplicando as estratégias descritas acima, vai ao encontro do conceito de avaliação autêntica que, de acordo com os autores, se apoia nos princípios construtivistas de aprendizagem motivada, amadurecida e profunda, característica da educação de adultos.

No contexto específico do ambiente online, as atividades de autoavaliação podem ser realizadas em qualquer lugar e em qualquer altura, materializando-se em diferentes suportes digitais, como blogues ou diários de bordo, nos quais os alunos partilham as suas reflexões em relação a determinada atividade. Outra sugestão é o preenchimento de um questionário autorreflexivo no fim de uma atividade e que servirá de termo de comparação com a perceção que o professor teve do desempenho do aluno.

Seja qual for o modo como decorre a autoavaliação, os autores consideram que é de extrema importância a promoção de momentos de reflexão e balanço sobre o processo, de preferência em ambientes mais restritos, que podem acontecer de forma síncrona, em pequenos grupos, ou por escrito.

Este balanço deve contemplar questões sobre o que o estudante aprendeu, como pode usar essa aprendizagem ou que opinião tem sobre a contribuição dos outros na atividade.

Apesar dos benefícios apontados, alguns estudos sugerem que grande parte dos alunos não demonstra competências de autoavaliação, revelando dificuldade em posicionar-se relativamente às habilidades que adquiriu no fim de determinada atividade, com tendência a demonstrar excesso de confiança na avaliação.

Não obstante as conclusões destes estudos, é importante perceber que as condições em que a autoavaliação é aplicada, são relevantes para que tenha esta um efeito positivo e de qualidade na aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, importa garantir critérios claros e encontrar momentos e ambientes apropriados para a realizar, que façam parte de um plano de avaliação previamente estabelecido e divulgado, sendo também claro que a qualidade destas interações é maior em grupos mais experientes.

3. Análise crítica pessoal

Do meu ponto de vista, este texto, apesar de sucinto, é bastante claro quanto às vantagens de se introduzir momentos de autoavaliação dentro do desenho de um curso, bem como quanto ao que não deve ser feito e que põe em causa a eficiência de tal medida.

Baseia-se nas ideias de teóricos de renome na área, como Garrison, Archer e Dron, já nossos conhecidos de outras leituras, e cujo trabalho incide no ensino online e na educação a distância, para sustentar de forma sólida os argumentos que expõem. Com menos frequência, citam o trabalho de Fenwick e Parsons, *The art of evaluation: A resource for educators and trainers*, quando referem as estratégias necessárias para uma implementação de qualidade de momentos de autoavaliação. Este aspeto, por ser essencial ao leitor que pretende aprofundar o seu conhecimento nesta área, podia ter sido mais desenvolvido pelos autores, apresentando estudos que demonstrem o sucesso da implementação deste tipo de avaliação.

Quando se referem às críticas que são feitas aos processos de autoavaliação, que relacionam com a falta de habilidade inerente ao ser humano para se conhecer a si mesmo, os autores evidenciam, com maior destaque, um estudo desenvolvido por Dunning, Heath, and Suls – *Flawed Self-Assessment: Implications for Health, Education, and the Workplace* –

referindo-se, ainda, a outros investigadores na área da psicologia que corroboram a ideia dos primeiros. Apesar da pertinência das críticas, a maioria dessas referências é anterior a 2000 e seria interessante perceber se houve evolução relativamente a essas capacidades, tendo em conta as rápidas mudanças que ocorreram nas últimas décadas e que, forçosamente, influenciaram o comportamento humano. Por outro lado, seria importante explorar soluções para estas críticas, principalmente dentro da especificidade do ensino online.

Não obstante, e apesar da natureza breve do texto e de, por vezes, remeter para assuntos tratados noutros capítulos, a contextualização teórica e prática que apresenta é bastante sólida, fornecendo exemplos concretos em relação aos procedimentos e cautelas que se deve ter em conta na introdução de momentos de autoavaliação, transformando o documento num artefacto útil e prático para os envolvidos no processo.

Do ponto de vista pessoal, a abordagem construtivista alinha-se com as minhas crenças em relação à educação. As práticas de avaliação de cariz social, na perspetiva de que se aprende com o outro, integram esta vertente de reflexão pessoal no sentido de se construir o percurso de aprendizagem de forma autónoma e consciente, prática que implemento no meu contexto profissional.

Apesar de ser um processo difícil de dominar, seja por parte dos alunos como dos professores, é uma prática que, sendo integrada plenamente na estrutura do funcionamento de uma comunidade de aprendizagem, se torna enriquecedora e proveitosa para orientar o estudo dos alunos, promovendo momentos de reflexão constantes. Como referem os autores, utilizar esporadicamente os momentos de autoavaliação é esvaziá-los de sentido e de propósito.

Ainda na linha da ideia anterior, quero deixar uma nota sobre a questão da qualidade das reflexões ser maior em turmas mais maduras, como referem Conrad e Openo. Sendo, obviamente, um facto, acredito que este tipo de práticas beneficia alunos de todas as faixas etárias e será, certamente, melhor e mais integradora se começar a ser praticada nos anos iniciais da escolaridade.

4. Conclusão

As práticas de autoavaliação potenciam o estudo independente dos alunos, bem como a sua capacidade de refletir sobre o percurso académico,

competência essencial para que a aprendizagem faça sentido. Esta abordagem deve, pois, ser implementada dentro de um desenho pedagógico bem planejado, no qual os alunos são informados do processo e fazem parte integral do mesmo.

Apesar dos desafios relacionados com a relutância inicial dos alunos e o excesso de confiança na avaliação do seu desempenho, a implementação de orientações claras, de momentos de colaboração e de feedback construtivo podem melhorar significativamente este processo.

A mais-valia da autoavaliação reside, pois, na oportunidade de proporcionar aos alunos momentos de partilha, reflexão e amadurecimento, que contribuam, em última análise, para o seu crescimento enquanto seres construtores do próprio conhecimento.

O professor tem um papel essencial neste desenho e deve garantir a qualidade e a autenticidade dos momentos reflexivos, visto que a eficácia da autoavaliação depende da integração cuidadosa de um plano de avaliação bem estruturado, tarefa exigente e muitas vezes descurada pelas instituições de ensino. Para tal, torna-se necessário que se deixe de utilizar a avaliação apenas como instrumento de medida e que se passe a assumi-la como parte integrante do percurso de aprendizagem dos alunos, o que implica mudanças profundas, não só em termos de cultura avaliativa, mas também no âmbito legislativo.

Neste sentido, a investigação sobre práticas de autoavaliação, especialmente na área da educação a distância, poderá contribuir para aperfeiçoar estratégias e divulgar boas práticas que promovam a avaliação autêntica e criem um ambiente de aprendizagem favorável a todos os grupos etários.

10. Summing Up + Appendix (Other Voices: Reflections from the Field) (Fernanda Mestre)

Capítulo 10

Introdução

(“Summing Up”) do Livro de Conrad e Opero (2018) encerra com a conclusão, da avaliação autêntica, especialmente no contexto da aprendizagem online. Os autores

questionam os métodos convencionais de avaliação, como os testes de múltipla escolha, propondo alternativas mais eficazes que reflitam as complexidades do mundo real que os alunos enfrentarão profissionalmente. Destacam a importância de integrar práticas como projetos colaborativos, portfólios digitais e métodos de autoavaliação e avaliação por pares, apoiados por uma pedagogia construtivista que promova uma aprendizagem significativa. A tecnologia é apresentada não apenas como uma ferramenta prática, mas como um componente crucial que enriquece a experiência educativa e facilita interações autênticas. O capítulo conclui reforçando a ideia de que a avaliação deve ser um processo integrado e enriquecedor para a preparação dos alunos para desafios reais, destacando a importância de os educadores equilibrarem suas práticas avaliativas com uma filosofia de ensino coerente e bem fundamentada.

Esta análise destaca a relevância do capítulo no atual panorama da educação, especialmente com a crescente presença da aprendizagem online. Os autores oferecem uma abordagem sólida para repensar a avaliação no contexto digital, mostrando a importância de práticas autênticas que preparem efetivamente os alunos para o mundo real.

Resumo

O capítulo 10, realça a temática da avaliação autêntica, especialmente aborda o contexto da aprendizagem online nas áreas das ciências sociais e humanidades. Os autores desafiam os métodos convencionais de avaliação, como testes de múltipla escolha, propondo alternativas mais eficazes, refletindo as complexidades do mundo real que os alunos enfrentarão profissionalmente. Este capítulo realça a importância de integrar práticas como projetos colaborativos, portfólios digitais, e métodos de autoavaliação e avaliação por pares, todos suportados por uma pedagogia construtivista que promove uma aprendizagem significativa. A tecnologia é apresentada não apenas como uma ferramenta prática, mas como um componente crucial que enriquece a experiência educativa e facilita interações autênticas. O capítulo conclui reforçando a ideia de que a avaliação deve ser um processo integrado e enriquecedor para a preparação dos alunos para desafios reais, sublinhando a importância de os educadores equilibrarem as suas práticas avaliativas com uma filosofia de ensino coerente e bem fundamentada.

Análise crítica pessoal

Este capítulo é particularmente relevante no panorama atual da educação, onde a aprendizagem online se tornou uma componente da oferta educativa em muitas instituições. A abordagem dos autores para repensar a avaliação num contexto digital é não só apropriada, importante, dado o crescente reconhecimento de que as práticas tradicionais de avaliação são capazes de acompanhar a complexidade das competências necessárias no século XXI. A avaliação autêntica é um dos pontos fortes deste capítulo, pois segue a necessidade de uma educação que prepare efetivamente os alunos para os desafios práticos e teóricos do mundo real. Os autores

fazem um excelente trabalho ao destacar como a integração de tecnologias pode transformar a avaliação em uma ferramenta dinâmica de engajamento e profundidade de compreensão, ao invés de um mero mecanismo de atribuição de notas. No entanto, poderia ser enriquecedor se o capítulo incluísse mais exemplos concretos ou estudos de caso que ilustrassem as práticas de avaliação autêntica em ação, oferecendo um guia mais prático para os educadores que desejam implementar estas metodologias. Apesar disso, o capítulo serve como um forte lembrete da importância de evoluir as práticas avaliativas para melhor refletir e responder às necessidades educativas. A perspectiva abrangente e reflexiva adotada pelos autores faz deste capítulo uma leitura necessária para educadores e formuladores de políticas educacionais interessados em aperfeiçoar a eficácia da aprendizagem online. No entanto, seria enriquecedor se o capítulo incluísse mais exemplos concretos ou estudos de caso para orientar os educadores na implementação dessas metodologias. Apesar disso, o capítulo serve como um lembrete poderoso da necessidade de evoluir as práticas avaliativas para melhor refletir e responder às necessidades educativas.

Conclusão

Ao concluir o capítulo, os autores fazem uma reflexão sobre a jornada percorrida no livro e reafirmam sua convicção de que os conceitos e práticas apresentados têm o potencial de transformar a avaliação online. A aprendizagem autêntica é destacada como um objetivo alcançável, capaz de preparar os alunos de maneira eficaz para os desafios do mundo real. Refere a importância de os educadores entenderem profundamente suas próprias filosofias de ensino para implementar essas práticas de avaliação de forma integrada e enriquecedora. Este capítulo, portanto, não apenas resume as discussões anteriores, mas também reafirma o compromisso dos autores com uma abordagem educativa que atenda às necessidades dos educadores, marcando não apenas o fim desta jornada, mas também o início de novas aventuras no campo da educação online.

Apêndices

Outras Vozes

Introdução

Os apêndices deste trabalho oferecem uma variedade de reflexões e contribuições de colegas em torno do tema da avaliação na educação de adultos. As reflexões apresentadas são diversas e abrangem tecnologias, estratégias e filosofias relacionadas à avaliação. Cada contribuição reflete as experiências e percepções individuais dos colegas, fornecendo perspectivas adicionais sobre diferentes abordagens para o trabalho acadêmico e avaliação. Estas contribuições enriquecem o debate sobre a avaliação na educação de adultos, oferecendo uma ampla gama de perspectivas e experiências para consideração.

Os diversos pontos de vista apresentados nos apêndices oferecem uma visão abrangente das práticas de avaliação na educação de adultos. Os autores destacam a

importância da flexibilidade e da adaptação das estratégias de avaliação para atender às necessidades individuais dos alunos. Enquanto alguns defendem abordagens mais tradicionais, como testes objetivos e feedback escrito, outros valorizam métodos mais inovadores, como o uso de tecnologia para proporcionar feedback de áudio ou a negociação das diretrizes de avaliação pelos próprios alunos.

Avaliação Total da Aprendizagem • Stephen Downes

Partilha a sua visão sobre avaliação, referindo que, ao longo da sua experiência, ele passou a valorizar menos métricas específicas e mais uma avaliação global da capacidade dos alunos. Destaca a importância de observar o progresso global de uma pessoa ao longo do tempo, especialmente em ambientes de aprendizagem online, onde a interação e o envolvimento são fundamentais. Downes refere à compreensão profunda da disciplina sendo crucial para avaliar o conhecimento.

Avaliando a Participação Ellen Rose, discute os desafios específicos da avaliação online, com foco na participação dos alunos. Ela questiona a prática comum de atribuir notas à participação, argumentando que isso pode ser desnecessário em cursos online para adultos, que naturalmente desejam aprender e participar. Rose optou por uma abordagem que envolve os alunos na avaliação da sua própria participação, usando indicadores de qualidade em vez de quantidade, numa tentativa de equilibrar diferentes perspectivas sobre o tema.

Stephen Downes e Ellen Rose, ambos os autores, oferecem reflexões interessantes sobre a avaliação na educação, destacando a importância de abordagens flexíveis e adaptáveis às necessidades dos alunos.

Marcação de voz

Terry Anderson descreve a sua experiência usando feedback de áudio para avaliar o trabalho dos alunos em cursos online. Ele adota a prática de salvar os trabalhos dos alunos em PDF e, em seguida, usa ferramentas de anotação de voz no Adobe Acrobat para fornecer feedback. Anderson destaca a eficiência dessa abordagem, pois permite economizar tempo enquanto oferece feedback ampliado aos alunos. Ele reconhece algumas limitações técnicas, como o tamanho dos arquivos PDF, mas destaca a resposta positiva dos alunos a esta forma de avaliação.

Avaliação autêntica usando áudio

Archie Zariski, discute o uso de tarefas de áudio para avaliar alunos em cursos de resolução alternativa de disputas. Salaria a importância da escuta ativa e do feedback construtivo para os mediadores em formação. Zariski utiliza o programa Audacity para que os alunos realizem tarefas práticas que simulam situações reais de mediação. Os alunos valorizam a autenticidade das tarefas e consideram-nas relevantes para o aprendizado.

Avaliação Negociada

Beth Perry, adota uma abordagem mais flexível para avaliar alunos em cursos online de educação de profissionais de saúde. Ela baseia sua filosofia de ensino na teoria do convite de William Purkey, identifica a confiança, o respeito, o otimismo e a intencionalidade. Perry permite que os alunos negociem as diretrizes de avaliação de suas próprias tarefas, personalizando assim o processo de aprendizado. Embora alguns alunos possam inicialmente se sentir desconfortáveis com essa abordagem mais aberta, os benefícios percebidos compensam o investimento de tempo e esforço.

Terry Anderson, Archie Zariski e Beth Perry oferecem argumentos sobre diferentes estratégias de avaliação em cursos online, destacando a importância da flexibilidade e da personalização para atender às necessidades individuais dos alunos

O valor do feedback e da revisão

Julie Shattuck, partilha a sua abordagem de avaliação, influenciada pelas suas próprias experiências como estudante online. Ela salienta a importância do feedback detalhado e oportuno que recebeu como aluna, especialmente em relação à sua escrita. Shattuck retribuiu essa abordagem aos seus alunos, incentivando a avaliação colaborativa e a revisão por pares. Ela constrói uma comunidade forte em sala de aula, onde os alunos compartilham suas redações revisadas por pares e recebem feedback imediato. Shattuck encoraja os alunos a refletirem sobre o feedback e a usar isso para revisar suas redações, dando-lhes a oportunidade de decidir se querem melhorar suas notas iniciais. Essa abordagem visa ajudar os alunos a se tornarem escritores mais competentes e confiantes.

Autoavaliação interativa guiada • *Dianne Conrad*

No âmbito do curso de mestrado que lecionou na Universidade de Athabasca, situado no Centro de Educação a Distância, observou que muitos dos seus alunos são novos no estudo da aprendizagem de adultos. Por isso, implementou um diário de aprendizagem para incentivá-los a refletir sobre o seu próprio processo de aprendizagem ao longo do curso. Este diário revelou-se uma ferramenta valiosa na compreensão das suas experiências, embora a sua extensão tenha sido um desafio. Foi estendido o prazo de entrega para poder analisar e responder adequadamente às suas reflexões. Além disso, solicitei aos alunos que se auto avaliassem em três áreas principais no final do curso. A resposta a esta tarefa foi positiva, permitindo compreender melhor as dificuldades e os sucessos dos alunos e oferecer feedback útil para o seu desenvolvimento.

Implicações de um professor de medição de experimentos Satisfação em relação ao desempenho

Rory McGreal conduziu uma pesquisa sobre avaliação de professores em um programa de Inglês como Segunda Língua. Surpreendentemente, não encontrou diferenças entre os resultados dos professores com avaliações positivas e negativas dos alunos. Ele destaca a importância dos testes objetivos de desempenho na

confirmação da aprendizagem, apontando que a satisfação dos alunos não necessariamente reflete a compreensão do conteúdo.

Portfólios Eletrônicos e Periódicos como Ferramentas Reflexivas para Avaliação

Lisa Maria Blaschke, adotou uma abordagem de avaliação contínua, utilizando portfólios eletrônicos e diários reflexivos para fornecer feedback formativo aos alunos ao longo do curso. Ela destaca que esta abordagem permite uma aprendizagem contínua e a visão sobre o progresso e as necessidades dos alunos.

Avaliação na Aprendizagem Online Utilizando Redes Sociais

Gurhan Durak, implementou uma abordagem de avaliação online para seu curso de Ética Científica, utilizando redes sociais de aprendizagem e exames gravados em vídeo. Ele destaca a eficácia deste método para garantir a integridade dos exames e fornecer feedback individual aos alunos.

Usando questionários para avaliação em uma negociação aberta massiva Curso Online

Noam Ebner, desenvolveu uma estratégia de avaliação para seu MOOC sobre Negociação, utilizando questionários de múltipla escolha como ferramenta formativa, sem atribuição de notas, e um questionário final para avaliação sumativa. Destaca a importância de fornecer feedback formativo aos alunos ao longo do curso, preparando-os para a avaliação final.

Integrando a Avaliação no Ciclo de Aprendizagem

Susan Bainbridge, adota uma abordagem de avaliação integrada ao ciclo de aprendizagem, onde os alunos têm a oportunidade de rever e reenviar os seus trabalhos após receberem feedback. Esta prática não apenas melhora a qualidade do trabalho final, mas também promove a aprendizagem contínua. Diz-nos qual a importância de a avaliação fazer parte do processo de aprendizagem e sua eficácia tanto em cursos de graduação quanto em cursos online.

Em louvor à avaliação autêntica

Jon Dron critica os exames tradicionais como injustos, stressantes e insustentáveis. Ele prefere utilizar uma variedade de métodos de avaliação, como projetos pessoais, partilha de trabalhos, portfólios e diários reflexivos, que promovem a aprendizagem individualizada, colaborativa e autêntica. Dron destaca a eficácia desses métodos em evitar a trapaça e promover uma compreensão mais profunda do conteúdo. Ele sugere uma abordagem reflexiva estruturada para exames finais, que permite aos alunos consolidar e reforçar o que aprenderam.

Análise crítica Pessoal

Stephen Downes oferece uma visão bastante abrangente da avaliação na educação de adultos, destacando a importância de avaliar o progresso global dos alunos ao longo do tempo. Sua abordagem realça a aprendizagem contínua e o desenvolvimento integral dos alunos, o que é louvável. No entanto, pode ser desafiador aplicar essa abordagem em contextos de ensino online, onde métricas específicas muitas vezes são necessárias para avaliar o desempenho dos alunos de forma eficaz.

Ellen Rose traz uma perspectiva inovadora ao questionar a prática comum de atribuir notas à participação dos alunos. Sua proposta de avaliação participativa valoriza a autodeterminação dos alunos e seu envolvimento ativo no processo de avaliação. Embora essa abordagem promova uma maior autonomia dos alunos, pode encontrar resistência em ambientes educacionais mais tradicionais, onde a quantificação do desempenho dos alunos ainda é predominante.

Terry Anderson e Archie Zariski destacam a utilidade do feedback de áudio como uma ferramenta de avaliação mais rica e personalizada. Sua abordagem oferece uma oportunidade para os alunos receberem feedback mais detalhado e envolvente, o que pode melhorar significativamente sua aprendizagem. No entanto, a implementação prática desta abordagem pode ser um desafio, especialmente em cursos com um grande número de alunos e limitações tecnológicas.

Beth Perry propõe uma abordagem mais flexível para a avaliação, permitindo que os alunos negociem as diretrizes avaliativas. Sua abordagem valoriza a participação dos alunos no processo de avaliação e promove uma maior responsabilidade pelo próprio aprendizado. No entanto, esta abordagem pode exigir um tempo e esforço significativos por parte dos educadores para garantir que as negociações sejam justas e equitativas para todos os alunos.

Julie Shattuck destaca a importância do feedback detalhado e oportuno na promoção da aprendizagem dos alunos. Sua abordagem colaborativa e centrada no aluno cria uma comunidade de aprendizagem onde os alunos se sentem apoiados e incentivados a melhorar. No entanto, esta abordagem pode exigir muito tempo e energia por parte dos educadores para fornecer feedback individualizado a todos os alunos, especialmente em cursos com grandes turmas.

Rory McGreal, Lisa Maria Blaschke, Gürhan Durak, Noam Ebner, Susan Bainbridge e Jon Dron oferecem uma variedade de perspectivas sobre diferentes estratégias de avaliação em cursos online. Suas contribuições destacam a importância da inovação e da adaptação das práticas avaliativas para atender às necessidades individuais dos alunos. No entanto, a implementação prática destas abordagens pode ser um grande desafio, especialmente em ambientes de ensino online onde recursos e suporte adequados nem sempre estão disponíveis.

Conclusão

Embora cada autor ofereça contribuições valiosas para o debate sobre a avaliação na educação de adultos, a implementação prática de suas abordagens pode enfrentar desafios significativos em contextos de ensino online. É notável o destaque na promoção de uma avaliação autêntica e contínua, que não apenas avalia o desempenho dos alunos, mas também os envolve ativamente no seu processo de aprendizagem. A importância do feedback detalhado, da revisão por pares e da reflexão sobre o próprio desempenho é destacada como fundamental para o desenvolvimento dos alunos, fornece uma visão abrangente das práticas de avaliação na educação de adultos, destacando a necessidade de uma abordagem diversificada e adaptável para promover o sucesso dos alunos. Ao incorporar diferentes perspectivas e experiências, este trabalho contribui significativamente para o debate sobre avaliação na educação.

Parte 2 - Temas para aprofundamento

11. e-Portefólios na avaliação (Andrea Lèbre)

Pires, A. L. O. & Rodrigues, M. R. (2018). Transformando as práticas pedagógicas no ensino superior: o ePortefólio como estratégia de desenvolvimento acadêmico e profissional. In CNaPPES 2018: 5º Congresso Nacional de Práticas Pedagógicas no Ensino Superior (pp. 104-109). Braga: Universidade do Minho.

1. INTRODUÇÃO

O artigo traz resultados preliminares do projeto Empowering Eportfolio Process (EEP), que envolveu cinco instituições de ensino superior, no período de setembro de 2016 a novembro de 2018. O projeto visa o estudo e a implementação de ePortefólios para fins de aprendizagem e de avaliação, partindo do pressuposto que tal prática promove o desenvolvimento e a autonomia dos estudantes.

Neste estudo, temos o relato de um projeto-piloto, centrado no uso de portefólios digitais por estudantes e professores, e realizado num curso da ESE-IPS, que ocorre no semestre internacional destinado a estudantes do Erasmus. Nesse piloto,

procurou-se identificar as práticas pedagógicas aplicadas nos portfólios digitais, e ainda mapear a experiência de uso dos alunos e professores.

O artigo propõe-se a examinar a perspectiva dos estudantes e dos professores relativamente ao uso do portfólio digital. Nos resultados apresentados, o artigo evidencia os contributos positivos do uso do ePortfolio, nos processos de aprendizagem e avaliação, considerando, porém, as principais dificuldades apontadas pelos professores.

2. RESUMO

Empowering Eportfolio Process (EEP) é um projeto que visa o sucesso académico dos estudantes por meio do reforço da sua motivação e responsabilidade, com foco na inserção profissional e cidadania digital ativa. O ePortfolio é apresentado como uma estratégia de aprendizagem dinâmica, centrada no estudante e na sua autonomia (empowerment).

No contexto aqui descrito, os portfólios digitais são “espaços de trabalho e aprendizagem digitais, da autoria e propriedade dos estudantes, que servem para recolher, criar, partilhar, colaborar e refletir aprendizagens e competências, bem como para a avaliação.. São promotores da implicação em processos de desenvolvimento pessoal e profissional, de interação ativa com comunidades de prática e com diferentes interessados no processo de aprendizagem” (apud Kunnari & Laurikainen, 2017).

O projeto-piloto definido foi no âmbito da disciplina Digital Storytelling e oito estudantes elaboraram um ePortfolio individual. Esse trabalho foi partilhado para apreciação, e contribuição dos colegas, o que aconteceu por meio de comentários. Como orientação, foi dito que esses comentários “devem ser construídos com o objetivo de

contribuir para a melhoria da sua qualidade e, conseqüentemente, promover a aprendizagem naquela pequena comunidade” (Pires & Rodrigues, 2018).

“A avaliação dos estudantes é feita no trabalho de acompanhamento em sala de aula e no feedback assíduo às produções que vão sendo publicadas no portefólio digital. Esta avaliação permitirá atribuir uma classificação aos estudantes, mas tem como objetivo primeiro contribuir para a aprendizagem do estudante” (Pires & Rodrigues, 2018).

O artigo relata ainda qual o papel que a docente assume nessa disciplina: uma tutora que motiva a autodescoberta dos conceitos abordados, bem como à superação dos desafios encontrados. A docente acompanha o trabalho de cada aluno, de maneira personalizada, fornece feedbacks e sugere algumas propostas de trabalho. Todo esse processo contribui com a avaliação autêntica e formativa, tão bem aprofundadas nos demais capítulos do livro “Assessment Strategies for Online Learning”. (Openo & Conrad, 2018)

Durante o projeto-piloto, a investigação com foco nos alunos ocorreu por dois eixos. O primeiro concentrava-se na observação, para medir e avaliar a experiência de uso de alunos, no contexto do projeto-piloto. Também foi aplicado um questionário, o que permitiu realizar um balanço crítico e mais aprofundado da utilização de portefólios digitais no processo de aprendizagem e avaliação. O segundo eixo de investigação, concentrou-se na análise dos portefólios produzidos. A proposta de investigação, numa visão geral, visou compreender os benefícios e as dificuldades encontradas.

Após essa contextualização, transcorrido o período em que a disciplina foi desenvolvida, seguiu-se a recolha dos dados qualitativos sobre o processo, conforme descrito acima.

Além da investigação focada nos alunos, um segundo público participou da investigação: os professores da Escola Superior de Educação (ESE), onde aconteceu a UC do projeto-piloto. No caso dos professores, o foco do questionário era sobre a

sua experiência com o uso, ou não, dos portefólios digitais. O questionário foi enviado a 102 professores, sendo obtidas 40 respostas. Com o público dos professores também foram utilizadas entrevistas para mais detalhes – foram 13 entrevistas, no total.

Seguem-se os resultados obtidos:

Relativamente aos estudantes:

- **Elementos de motivação:** (1) facilidade na aquisição de conhecimento; (2) avaliação contínua da aprendizagem; (3) trabalhos em grupo; (4) liberdade para escolher e explorar situações e recursos; (5) aprendizagem de novas ferramentas; (6) desenvolvimento de competências; (7) realização e gratificação pela entrega final.
- **Benefícios:** (1) portabilidade e acessibilidade; (2) fácil partilha com colegas; (3) atualização permanente; (4) geram aprendizagem e motivação eficazes; (5) possível correlacionar com uso na vida profissional.
- **Desafios:** (1) dificuldade no uso das ferramentas (TIC); (2) falta de habilidades de organização; (3) alegaram precisarem de mais tempo. (o artigo cita que esses pontos foram restritos a “alguns” casos).
- **Competências necessárias:** (1) uso das TICs; (2) criatividade, inspiração e envolvimento também foram citados.
- **Competências desenvolvidas no processo:** (1) competências digitais (2) aumento da competência e confiança no ambiente digital; (3) competências linguísticas; (4) competências relacionadas à disciplina; (5) criatividade; (6) autonomia; (7) responsabilidade; (8) desenvolvimento; (9) empowerment.

- **Sobre as relações interpessoais:** (1) destacam a relação positiva com base na colaboração; (2) comunicação aberta; (3) trabalho conjunto; (4) a aproximação entre pares gera sentimentos positivos e apoio mútuo; (5) alto reconhecimento da relevância e importância do papel do professor, com ênfase para a qualidade da relação professor-aluno, construída com base em conselhos, apoio, abertura e partilha.
- **ePortfolio como instrumento de aprendizagem:** (1) reconhecimento do instrumento como adequado (2) processos de aprendizagem mais fáceis, mais abertos, esclarecedores, envolventes e divertidos, embora mais exigente e trabalhosos; (3) a partilha traz mais responsabilidade à produção; (4) desenvolvimento formativo e continuado, com base em aprendizagem colaborativa; (5) partilha e discussão tornam o processo mais transparente; (6) geração de aprendizagens pessoais relevantes, o que traz reforço à identidade de cada um.
- **ePortfolio como instrumento de avaliação:** (1) aceitação do instrumento como forma de avaliação; (2) entendimento que a avaliação ocorre por meio do professor e dos seus pares; (3) reconhecimento que a prática exige um feedback permanente do professor; (4) consciência que é um trabalho contínuo.

Relativamente aos professores:

Observação inicial: dos 40 professores entrevistados, 30 utilizam o ePortfólio em sua prática pedagógica.

Razões pelas quais os (30) professores usam o ePortfólio:

- **Aspectos práticos / organizativos:** (1) facilidade de uso, de acesso; (2) facilidade na disponibilização de informação; (3) registro de informação e organização; (4) versatilidade; (5) praticidade; (6) comodidade.

- **Aspetos pedagógicos:** (1) adequação dos objetivos e conteúdos da UC; (2) possibilidade de feedback contínuo; (3) maior interesse dos alunos; (4) facilitação da aprendizagem e da avaliação; (5) facilidade na correção; (6) facilidade de comunicação e partilha; (7) desenvolvimento de conhecimentos e múltiplas literacias; (8) monitoração contínua dos processos de criação e investigação; (9) partilha entre professores da mesma disciplina; (10) criação de comunidades de aprendizagem.
- **Aspetos ambientais:** (1) redução na utilização de papel; (2) menos custo para os estudantes

Razões pelas quais os (10) professores NÃO USAM o ePortfólio:

- **Aspetos pedagógicos:** (1) natureza e conteúdos das disciplinas não se aderem à estratégia; (2) e não se adequam ao modelo de avaliação.
- **Aspetos práticos:** (1) necessidade de guardar os trabalhos por mais tempo; (2) os trabalhos impressos possuem mais qualidade; (3) preferência por escrever/corrigir com caneta.
- **Deficit de competências:** (1) dificuldade na utilização dos instrumentos digitais
- **Resistência pessoal:** (1) não sente necessidade; (2) dificuldade de ficar muito tempo no computador; (3) fidelidade às práticas em uso; (4) falta de empenho e vontade.

Descobertas reveladas nas entrevistas:

- Os portfólios digitais são utilizados com diferentes finalidades: (1) coleção de trabalhos; (2) perspectiva estática, com feedback final; (3) trabalho integrativo, com feedback contínuo.
- **Alguns docentes citaram:** (1) valorização da dimensão de aprendizagem reflexiva; (2) aprendizagem colaborativa; (3) aprendizagem evolutiva; (4) integração entre pares.

- **Como dificuldades, foram citadas:** (1) dificuldade de uso de ferramentas digitais; (2) falta de tempo; (3) resistências pessoais; (4) hábitos e acomodação; (5) falta de uma visão partilhada e de conjunto entre equipas que trabalham as mesmas UCs; (6) argumentam que o uso de um portefólio isolado para avaliação de apenas uma UC não faz sentido.

O artigo conclui que alcançaram as evidências de que os ePortfólios contribuem o desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade, e geram sentido de autorias e espírito de cooperação. “A análise também destacou a relevância destas experiências no processo de aprendizagem e desenvolvimentos dos estudantes, numa perspectiva múltipla e integrativa”. Os estudantes reconhecem o desenvolvimento de competências (citadas acima) com o uso desse instrumento.

Do ponto de vista dos alunos, os autores concluem que, os benefícios citados acima comprovam haver o reconhecimento do contributo que os portfólios digitais dão ao processo de aprendizagem e avaliação.

No que diz respeito aos docentes, o artigo conclui que o recurso de ePortfólio ainda é uma prática pouco explorada, sendo utilizada apenas pontualmente.

O artigo finaliza com o convite de que novos caminhos sejam explorados, de uma forma mais colaborativa e partilhada, de modo a expandir as perspetivas tradicionais e explorar novas possibilidades.

3. **Análise crítica**

Ao pesquisar sobre o assunto, foram dois os principais motivos que levaram à escolha deste artigo. O primeiro foi por ser este um dos artigos mais recentes sobre o tema, e o segundo é que traz o resultado de um estudo de caso numa disciplina de uma instituição de ensino superior, o que está em consonância com os nossos objetivos de aprendizagem nessa unidade curricular.

Com um texto nem sempre claro, ao ser processado com cuidado, podemos entender claramente a metodologia, o caminho percorrido na investigação, e os resultados obtidos. Segundo Robson (1993) o estudo de caso, método utilizado neste artigo, é uma estratégia de fazer pesquisa que envolve uma investigação empírica de um determinado fenómeno contemporâneo, em andamento num contexto real, usando a observação e análise de múltiplas fontes de evidência. Mas, o método traz algumas limitações, segundo Gibbs (2010), por se concentrar numa amostra específica, não apresenta representatividade, sendo difícil a generalização dos resultados para outras situações ou contextos. Foi esse o caso deste artigo.

Dado a amplitude dos resultados, e às limitações de um estudo de caso com uma amostra reduzida, opto aqui por focar na análise crítica relativamente aos pontos que impactam no entendimento do portefólio digital como estratégia de avaliação, considerando que a avaliação é parte fundamental do processo de aprendizagem, conforme nos mostra Pinto (2016). Vale citar que o artigo separa esses dois momentos: aprendizagem e avaliação. No meu ponto de vista, tendo como base o que vimos nesta unidade curricular, defendo que a avaliação está integrada ao processo de aprendizagem.

Ao analisar os resultados da pesquisa, considero ser necessário: (1) capacitação de alunos e professores no instrumento, com foco específico em como superar as dificuldades relatadas; (2) dedicação do professor ao processo, deixando claros os critérios de avaliação e exercendo presença digital para garantir o feedback continuado.

Como ponto de vista pessoal, tenho encontrado dificuldades em ter tempo disponível para a produção de portefólios de qualidade para as UCs deste mestrado. São muitas as leituras, as entregas e os trabalhos em grupo. A quantidade de debates também tem sido abundante. Para resumir tudo isso em um eportólio é necessário um forte investimento de tempo, o que eu não tenho conseguido. Isso gera uma ansiedade que ainda não sei como lidar. Como escolhi fazer numa ferramenta que não domino, este

também tem sido um dificultador. Tem sido um esforço imenso realizar um trabalho de qualidade dentro dessa proposta, mas quando finalizo, percebo os ganhos reais nos meus processos de aprendizagem de autoavaliação. Sinto falta da presença e do feedback dos professores a respeito dessa produção.

Entendo não ser fácil superar esses desafios, mas o caminho vale à pena, dado os resultados apresentados.

4. **CONCLUSÃO**

O estudo demonstra que os portfólios digitais podem ser uma ferramenta valiosa para a avaliação da aprendizagem, caso sejam utilizados adequadamente e com o apoio necessário dos professores e da instituição. A superação dos desafios e a implementação eficaz dos portfólios digitais exigem planeamento, capacitação, comunicação e colaboração entre todos os envolvidos no processo educacional. Ao investir na utilização dessa ferramenta, as instituições de ensino podem promover uma avaliação mais holística, formativa e engajadora, contribuindo para o aprimoramento da aprendizagem e do desenvolvimento dos alunos.

Considero ser bastante pertinente relacionar esse artigo ao que estudamos sobre a necessidade de uma “nova cultura de avaliação”, como nos propõem a professora no âmbito da disciplina “Avaliação em Contextos de e-learning. E temos uma ótima possibilidade de aprofundar pensamentos e práticas sobre o tema já que construímos os nossos diários de bordo, que são, em essência, um portefólio digital para documentarmos e avaliarmos o nosso percurso nesta unidade curricular do mestrado em e-learning da UAB.

Para finalizar, deixo uma provocação: contribui o uso do portefólio digital para reforçar a nova cultura da avaliação que buscamos? Penso que sim.

12. Trabalhos de grupo na avaliação (Tatiane Silva)

Babo, R. (2020). Trabalho de grupo: Contribuem todos com a mesma intensidade?. *Sensos-E*, 6(3), 177–183.
<https://doi.org/10.34630/sensos-e.v6i3.3669>

1. Introdução

O trabalho em grupo ou aprendizagem colaborativa pode ser uma ótima ferramenta pedagógica e promover a colaboração, o aprendizado interdisciplinar e o desenvolvimento de habilidades socio emocionais com os envolvidos. No entanto, a avaliação do trabalho em grupo pode ser muito desafiante, pois nem todos os envolvidos do grupo de trabalho costumam contribuir com a mesma intensidade. Essa disparidade pode levar a frustrações, injustiças e dificuldades na avaliação individualizada do desempenho dos alunos pelo docente.

No artigo, Babo (2020) explora essa problemática e apresenta a ferramenta **WebAVALIA** como uma solução potencial para auxiliar na busca por uma avaliação justa e precisa do trabalho em grupo. Através da contextualização dos pontos positivos da aprendizagem colaborativa dos trabalhos em grupo, também oferece uma análise crítica da ferramenta apresentada como possível solução para a avaliação deste tipo de atividades. Destaca seus pontos fortes, áreas para melhorias e considerações adicionais para sua implementação da mesma em contexto acadêmico.

2. Resumo

O artigo inicia com a contextualização dos trabalhos em grupo e com a contribuição destes para a aprendizagem. Também apresenta com clareza os desafios da avaliação deste tipo de atividade. A autora identifica a dificuldade que os docentes normalmente enfrentam em distinguir as contribuições individuais de cada membro do

grupo como um dos principais obstáculos. Essa dificuldade pode ser causada por diversos fatores, como a falta de participação ativa de alguns alunos, o desafio em identificar o papel de cada membro no trabalho e a influência da dinâmica de grupo nas avaliações individuais.

Ela destaca que a avaliação tradicional do trabalho em grupo, muitas vezes baseada em um único produto final ou em uma nota única para todo o grupo, pode ser injusta para os alunos que se esforçam mais e contribuem de forma mais significativa para o trabalho. Essa prática pode levar à desmotivação dos alunos, à frustração e à percepção de que o trabalho em grupo não é uma boa ferramenta para o aprendizado.

Em resposta aos desafios da avaliação do trabalho em grupo, Babo (2020) apresenta a ferramenta **WebAVALIA** como uma solução potencial para auxiliar na avaliação justa e precisa do trabalho em grupo. A ferramenta **WebAVALIA** é uma plataforma online de auto e heteroavaliação que permite aos alunos avaliar a si mesmos e aos seus colegas de grupo com base em critérios pré-definidos.

Fornecer uma descrição detalhada da ferramenta **WebAVALIA**, que inclui não só seus recursos como também as funcionalidades e benefícios. Ela explica que a ferramenta permite que os alunos atribuam notas aos seus colegas de grupo e a si mesmos, ao utilizarem uma escala predefinida. A ferramenta também permite que os alunos forneçam feedback qualitativo sobre as contribuições de cada membro da equipa.

Conforme o artigo, os benefícios da ferramenta **WebAVALIA** para a avaliação do trabalho em grupo são principalmente:

- Distinguir as contribuições individuais de cada membro do grupo;
 - Promover a responsabilidade individual dos alunos;
 - Estimular a reflexão sobre o próprio desempenho e o desempenho dos colegas;

- Melhorar a comunicação e a colaboração entre os membros da equipa;
- Fornecer aos docentes dados valiosos para a avaliação individualizada do desempenho dos alunos.

Embora o artigo apresente a ferramenta **WebAVALIA** como uma solução promissora para os desafios da avaliação do trabalho em grupo, ele também reconhece a necessidade de uma análise crítica mais aprofundada da ferramenta. A autora aponta que a estrutura teórica do artigo poderia ser fortalecida com uma discussão mais detalhada das bases teóricas que sustentam a ferramenta **WebAVALIA** e sua abordagem à avaliação do trabalho em grupo.

Além disso, argumenta que a análise de dados de avaliação poderia ser mais abrangente, com a apresentação de dados quantitativos ou qualitativos da implementação da ferramenta. Uma pesquisa futura fica como sugestão, pois poderia explorar a efetividade da ferramenta **WebAVALIA** em diferentes contextos educacionais, com diferentes grupos de alunos e disciplinas.

Por fim, destaca a importância de considerar as limitações da ferramenta em causa. Isto porque ela afirma que a ferramenta não deve ser utilizada como um único método de avaliação do trabalho em grupo, mas sim como um complemento a outras ferramentas de avaliação, como a observação do trabalho em grupo, a análise do produto final e a avaliação individual do desempenho dos alunos.

3. Análise Crítica Pessoal

O tema da avaliação do trabalho em grupo gera reflexões constantes entre educadores, pesquisadores e profissionais de diversas áreas. As dificuldades em avaliar essa modalidade de trabalho, caracterizada pela interdependência dos membros do grupo e pela diversidade de contribuições individuais, exigem análises críticas que considerem diferentes perspectivas e contemplem os desafios e as oportunidades que a avaliação do trabalho em grupo apresenta.

A avaliação do trabalho em grupo suscita diversos desafios que precisam ser cuidadosamente considerados para garantir uma avaliação justa e precisa.

Um dos maiores desafios reside na distinção das contribuições individuais de cada membro da equipa. A dinâmica de grupo, as habilidades interpessoais e a divisão de tarefas nem sempre permitem que o desempenho individual seja facilmente mensurado, levando à dificuldade em avaliar a responsabilidade individual e a colaboração de cada aluno.

A definição de critérios de avaliação claros e objetivos é importante para garantir a justiça e a precisão da avaliação. Tais critérios devem ser comunicados aos alunos de forma transparente, permitindo assim que compreendam o que se espera de seu desempenho e como suas contribuições serão avaliadas.

O trabalho em grupo envolve alunos com diferentes habilidades, estilos de aprendizagem e personalidades. A avaliação deve ser flexível o suficiente para considerar essa diversidade e evitar que alunos com habilidades menos expressivas ou estilos de aprendizagem mais introvertidos sejam desvalorizados.

A dinâmica de grupo e a coesão podem influenciar significativamente o desempenho individual. Fatores como liderança, comunicação, conflitos e

colaboração podem afetar a forma como cada um contribui para o trabalho, exigindo que a avaliação considere essas possibilidades.

A avaliação do trabalho em grupo deve desincentivar a "boleia" e a falta de participação de alguns alunos. Estratégias como a autoavaliação, a heteroavaliação e a observação do professor podem auxiliar na identificação de alunos que não contribuem de forma adequada e na promoção da responsabilidade individual.

Por isso acredito que o artigo citado acima seja tão importante, já que apresenta uma ferramenta tecnológica de avaliação colaborativa entre professor- aluno (indivíduo)-aluno (equipa).

O artigo em causa é interessante porque apresenta uma ferramenta de avaliação que eu, particularmente, desconhecia e que pela descrição detalhada apresentada achei uma mais-valia como um auxílio para o processo avaliativo.

4. Conclusão

Acredito que a avaliação do trabalho em grupo, é muito importante porque, na minha opinião, a aprendizagem colaborativa realmente aprimora não só o aprendizado em si através da troca de experiências, mas também possibilita que estreitem-se laços afetivos com os colegas da equipa. Por isso mesmo é uma modalidade de ensino cada vez mais utilizada em diversas áreas do ensino. Entretanto apresenta desafios complexos que exigem reflexões críticas e soluções inovadoras. Fiquei completamente fascinada a ferramenta **WebAVALIA** pois pelo que foi apresentado, pode ter grande potencial para ser uma aliada na busca por uma avaliação justa e precisa do trabalho em grupo.

A ferramenta, que utiliza auto e heteroavaliação, oferece benefícios como a distinção das contribuições individuais, a promoção da responsabilidade individual e a coleta de dados valiosos para a avaliação.

Entretanto, como a própria autora fala no artigo, ainda são necessárias mais discussões sobre a ferramenta apresentada e sobre o próprio tema de avaliação das atividades colaborativas.

Outro ponto que achei falho, é que o artigo remete a uma amostra de alunos de apenas uma instituição de ensino superior na modalidade presencial. Faz-se necessário com urgência um estudo detalhado sobre a utilização de ferramentas tecnológicas que auxiliam a avaliação de trabalhos em grupo em contexto de aprendizagem online, que é o caso do nosso mestrado.

Ao mesmo tempo, acredito que possam existir estudos mais recentes deste tema e que posso não ter encontrado em minha pesquisa para essa atividade.